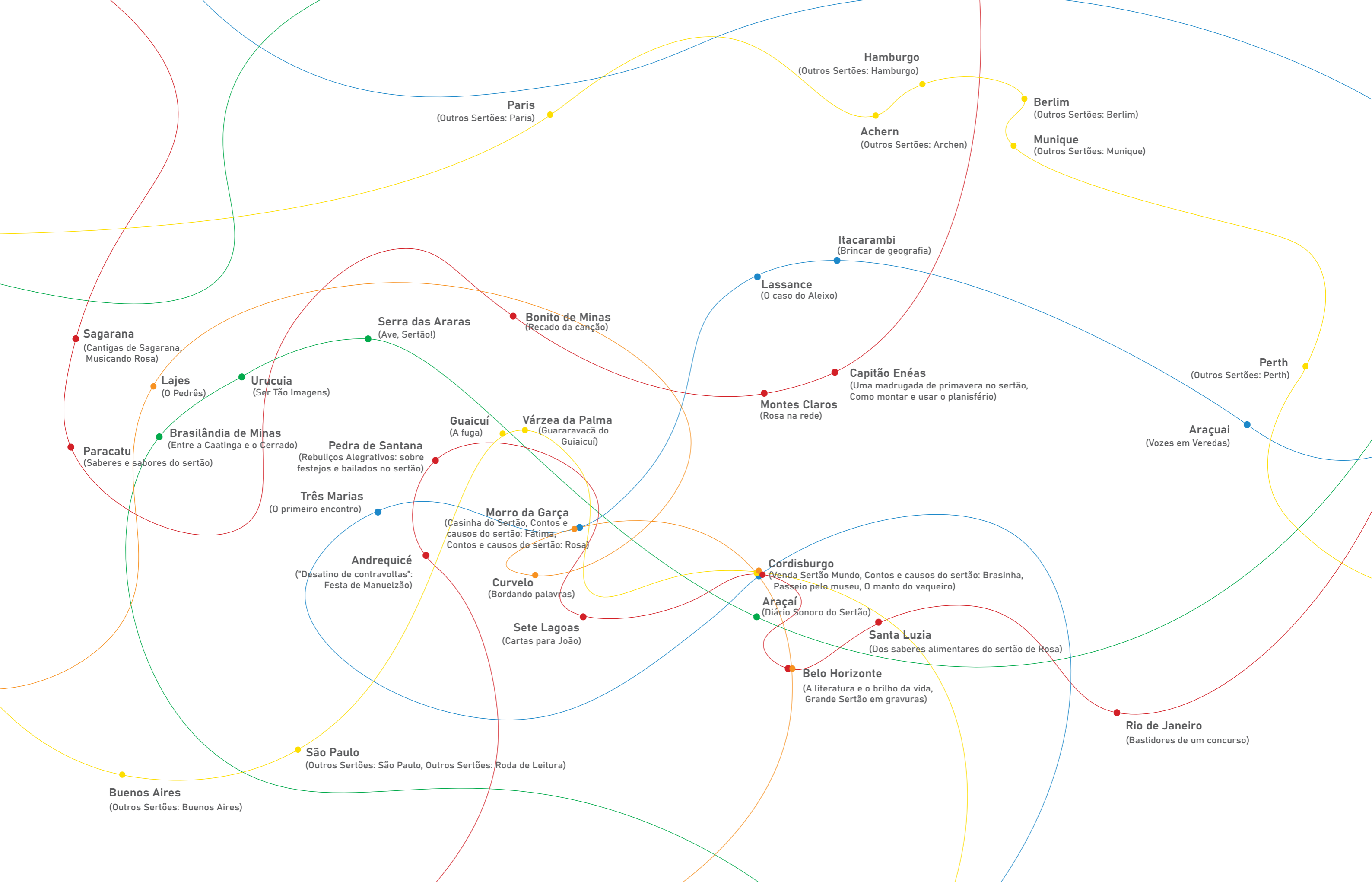




Espaço do Conhecimento UFMG
Universidade Federal de Minas Gerais



Ministério do Turismo, Instituto Unimed-BH e
Espaço do Conhecimento UFMG apresentam

Exposição



Claudia Campos Soares
Dânia Santos Lima
Diomira Ma. C. P. Faria
Júnia Ferrari
Maurício Silva Gino
(organizadores)

Universidade Federal de Minas Gerais

Reitoria

Sandra Regina Goulart Almeida - Reitora
Alessandro Fernandes Moreira - Vice-reitor

Diretoria de Ação Cultural
Fernando Antonio Mencarelli
Mônica Medeiros Ribeiro

Diretoria do Espaço do Conhecimento UFMG
Diomira Ma. C. P. Faria
Sibelle Cornélio Diniz

Catálogo da Exposição
Espaço do Conhecimento UFMG
Belo Horizonte, 2021

O sertão mundo de Guimarães Rosa

Sandra Regina Goulart Almeida
Reitora da UFMG

“O sertão é sem lugar”¹

É com satisfação que a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por meio de sua Diretoria de Ação Cultural (DAC) e do Espaço do Conhecimento UFMG, em mais uma parceria com o Instituto Unimed-BH, apresenta a “Exposição Sertão Mundo”. Tal como anuncia em seu título, essa exposição apresenta o sertão mineiro e suas reverberações pelo mundo, inspiradas pelas narrativas do escritor mineiro, João Guimarães Rosa, ex-aluno da UFMG.

Na proposta, o Sertão, esse espaço “sem lugar”, transborda para o mundo a partir de um percurso sublinhado pelo inesperado e pelo surpreendente, marcas que Guimarães

Rosa tão grandiosamente imprimiu em seu trabalho, conduzindo o público por caminhos singulares, materializados de forma lúdica, inovadora e extremamente dialógica.

Resultado de um extraordinário esforço da equipe curatorial e também de outros setores e áreas da Universidade, a Exposição procurou transformar em experiência sensorial conteúdos, visões e interpretações do universo rosiano, reunidos a partir da valiosa contribuição de artistas, colaboradores, pesquisadores e admiradores da obra do escritor. Constitui-se, pois, de uma extensa trama de sons, imagens e registros que, na forma de um caminho marcado por diferentes linguagens, propicia ao público uma inesquecível viagem pelo labirinto sensível, reflexivo e místico do escritor.

A exposição “Sertão Mundo” também explora e amplia as possibilidades de interação com o público da cidade de Belo Horizonte e além dela, adotando a dimensão virtual como mais um dos ambientes expositivos do Espaço do Conhecimento. É, assim, uma forma de manter a conexão, o diálogo e a interação com a sociedade em tempos tão desafiadores, que demandam que ainda nos mantenhamos distantes, diante das necessárias medidas de isolamento social para o enfrentamento da pandemia de covid-19.

Nesse sentido, a experiência de trilhar os caminhos do Sertão Mundo cumpre um duplo propósito: se tornar acessível a um público amplo e diverso, ao mesmo tempo que valoriza e estimula a divulgação da história, da memória, dos locais e do patrimônio material

e imaterial que envolvem o universo criado pelo escritor.

Este catálogo nos presenteia com recortes do magnífico conjunto que a exposição “Sertão Mundo” conseguiu reunir. Esperamos que desfrutem da exposição virtual e de sua materialização e registro por meio deste catálogo que procura reafirmar o compromisso da Universidade em produzir e divulgar o conhecimento, a ciência e a cultura em suas mais diversas formas, e interagir com outros saberes.

¹ ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Por novas veredas

Fernando Mencarelli
Diretor de Ação Cultural da UFMG

Exposição totalmente concebida para plataforma virtual, Sertão Mundo é expressão da resistência e capacidade de adaptação dos espaços culturais da UFMG, que se mantiveram plenamente ativos durante a pandemia, migrando grande parte de sua programação para o espaço virtual e criando novos programas e projetos para continuar cumprindo suas missões junto ao público de serem espaços ancorados no valor da democracia cultural, artística e científica. Valores estes partilhados por nossos parceiros do Circuito Liberdade e do Instituto Unimed-BH.

Esta exposição aponta também para novas formas de interação da universidade com a comunidade, em que cultura, ensino, pesquisa e extensão congregam docentes, estudantes, técnicos e toda a equipe do Espaço

do Conhecimento UFMG na invenção de linguagens, na criação de conteúdos e na difusão e partilha que buscam um público amplo e diverso, de todas as faixas etárias, e em todos os níveis de sua formação.

É assim que o sertão que Guimarães Rosa nos faz conhecer e querer conhecer vai se tornando Sertão Mundo. Visto por muitas lentes (das culturas, das artes e das ciências) e deixando se ver através de muitas imagens e vozes.

O Sertão Mundo desta Exposição do Espaço do Conhecimento UFMG é um campo vasto a percorrer, pelas trilhas virtuais que levam a pessoas, histórias, jogos, canções e muitas outras formas, em mosaicos que se formam em cada navegação.

Território geográfico, paisagem que habita nossos imaginários, o sertão é lugar de força cultural e contorno mítico para os homens e mulheres que fazem fértil a relação com um mundo árido. O sertão atravessa o país com sua imagética, poesia, filosofia, sonoridades.

Nosso grande escritor Guimarães Rosa instaurou o sertão como linguagem e como poética universal, por entre as veredas e para além das veredas. Sertão Mundo nos apresenta o sertão como paisagem humana, econômica, cultural, como travessia que nos ensina com poesia em múltiplas formas.

Ser-tão inovador

Diomira Maria Cicci Pinto Faria
Sibelle Cornélio Diniz
Diretoria do Espaço do Conhecimento UFMG

Ser-tão inovador é uma das características do Espaço do Conhecimento UFMG.

Entendendo os desafios impostos à produção e divulgação cultural, o Espaço do Conhecimento UFMG inovou ao conceber e realizar uma exposição virtual. Fomos buscar na cultura, em nossas raízes, a mensagem a transmitir a todas e todos em um momento em que nos sentimos distantes, isolados e, às vezes, atordoados.

Sertão! Eis o tema escolhido, que nos remete a uma palavra preta de significados; a um lugar, a uma região, ao mundo. Mas que também nos conduz a um escritor que transformou o sertão no cenário de suas narrativas e o aprisionou no coração de cada um de nós.

Usando o sertão como metáfora do mundo, mergulhamos em suas várias manifestações e linguagens para entender a realidade, mas também a fantasia, buscando um equilíbrio que nos sustente na travessia, na caminhada que é nossa vida e seus percalços.

No início, imaginamos uma exposição presencial. Entretanto, veio um redemoinho, com um vírus dentro, e ficamos sem chão, sem cerrado e caatinga. Levamos um susto: virou nossa vida do avesso, mas Diadorim sussurrou: “Carece de ter coragem”¹. Reagimos. Convidamos especialistas rosianos para debater conosco sobre Rosa, sobre o sertão, sobre literatura. Criamos um espaço de leitura coletiva de sua obra, nos embebeamos do ambiente sertanejo.

¹ ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

As ideias foram surgindo, o Espaço do Conhecimento UFMG se mostrou um lugar propício para enfrentar o desafio do virtual. Nossas equipes de trabalho já mergulhavam nas redes sociais e nas interações virtuais, reinventando ações educativas, de comunicação e divulgação da ciência. Esse percurso nos mostrou ser possível conceber e montar uma exposição virtual.

O Espaço do Conhecimento UFMG, com a exposição “Sertão Mundo”, reforça a missão da UFMG de gerar e difundir conhecimentos científicos, tecnológicos e culturais, destacando-se como instituição de referência na formação de indivíduos críticos e éticos. No caso da exposição, utilizamos a tecnologia a nosso favor, uma vez que o virtual nos possibilita ir mais além, polvilhando a poética do sertão para um vasto planeta. A exposição é, assim, uma ação que se alinha à missão do Instituto Unimed-BH, nosso patrocinador, de promover o exercício da cidadania por meio de ações de responsabilidade social.

Contamos com o apoio de muita gente: Agradecemos ao Museu Casa Guimarães Rosa; à Diretoria de Museus da PMBH; ao IEB-USP; à Aliança Francesa e à imensa rede de apoiadores, interna e externa à UFMG, que fez possível que nosso sonho se realizasse. Através desse esforço coletivo, reforçamos o lugar do Espaço do Conhecimento UFMG na fronteira da inovação, trazendo uma exposição com novas linguagens, pioneira na forma e no conteúdo.

Convidamos a todos a conhecer e aproveitar a exposição, visitar cada uma das instalações, viajar pelo mundo sertão, ou melhor, pelo Sertão Mundo, e não se esquecerem de levar, como companheira, a alegria, pois como diz Riobaldo: “O vau do mundo é a alegria!”²

² ibidem: 1. ROSA, João Guimarães

O sertão está em toda parte

Samuel Flam, Eudes Magalhães, José Augusto Ferreira,
Mercês Fróes e Múcio Diniz
Instituto Unimed-BH

O Instituto Unimed-BH, tem a honra de patrocinar a exposição “Sertão Mundo”, no Espaço do Conhecimento UFMG, inspirada na obra Grande Sertão: Veredas, do médico e escritor Guimarães Rosa.

Ser médico é conviver com o que há de mais humano, com a vida das pessoas, seus medos, sofrimentos, fraquezas, esperanças e tantos outros sentimentos que se aflo-ram quando o outro se encontra, em muitos casos, fragilizado. Essa vivência, associada à própria natureza da profissão, desperta um lado de narrador, de contador de histórias. Na literatura, as histórias também traduzem essa humanidade em cada personagem, em cada ideia que aproxima as pessoas de forma universal e global.

Portanto, podemos dizer que há algo essencial que aproxima literatura e medicina: a condição humana. E ninguém reflete melhor essa relação do que Guimarães Rosa. Em “Grande Sertão: Veredas”, o ser humano é transcendente e reflete o sertão, “onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar”.¹

Pensamento que, além de inspirar a literatura, também encontra eco em outras manifestações artísticas, como a música, o cordel, o bordado, a dança. Esse lugar tão característico, o sertão, é um retrato dessas múltiplas manifestações culturais. E é objeto da exposição “Sertão Mundo”, que patrocinamos por meio do incentivo de mais de 5,2

¹ ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

mil médicos cooperados e colaboradores ao Programa Sociocultural Unimed-BH, uma das maiores iniciativas do país de patrocínio às artes e à cultura por meio de pessoas físicas, segundo dados da Secretaria Especial de Cultura do Governo Federal.

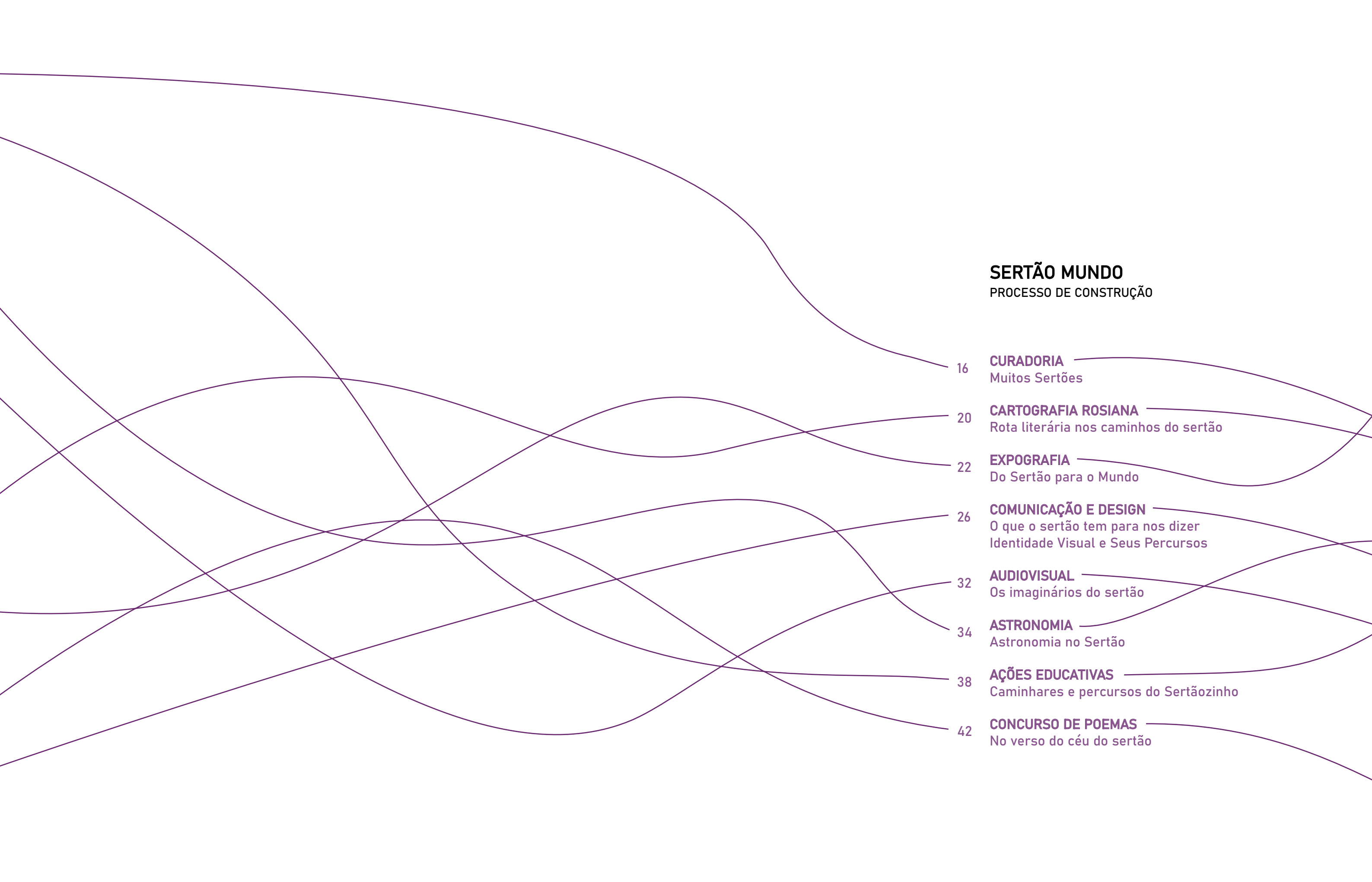
Ao incentivar a arte e a cultura por meio do Instituto, nós, Unimed-BH, potencializamos nossa vocação para o cuidado e investimos no futuro, contribuindo para fazer a diferença em nossa área de atuação, levando bem-estar, estimulando a cidadania, movimentando a cadeia de economia criativa e contribuindo para gerar trabalho e renda para as comunidades.

Por isso, convidamos a todos para conhecer um pouco mais do sertão por meio dessa

exposição, que é fruto de uma longa parceria entre o Instituto Unimed-BH e o Espaço do Conhecimento UFMG, por meio da Lei de Incentivo à Cultura. Estamos certos de que essa iniciativa contribuirá para ampliar nosso olhar sobre a cultura do nosso país e as diversas manifestações presentes no imaginário coletivo brasileiro, traduzidos no sertão.

Afinal, o “sertão está em toda parte”.²

² ibidem: 1. ROSA, João Guimarães



SERTÃO MUNDO

PROCESSO DE CONSTRUÇÃO

- 16 **CURADORIA**
Muitos Sertões
- 20 **CARTOGRAFIA ROSIANA**
Rota literária nos caminhos do sertão
- 22 **EXPOGRAFIA**
Do Sertão para o Mundo
- 26 **COMUNICAÇÃO E DESIGN**
O que o sertão tem para nos dizer
Identidade Visual e Seus Percursos
- 32 **AUDIOVISUAL**
Os imaginários do sertão
- 34 **ASTRONOMIA**
Astronomia no Sertão
- 38 **AÇÕES EDUCATIVAS**
Caminhares e percursos do Sertãozinho
- 42 **CONCURSO DE POEMAS**
No verso do céu do sertão

SERTÃO MUNDO

INSTALAÇÕES

56 PORTAL SONORO

58 INFÂNCIA

- 62 Brincar de geografia
- 64 Casinha do sertão: Morro da Garça
- 66 Venda Sertão Mundo
- 70 Vozes em Veredas
- 72 O Primeiro encontro
- 74 O caso do Aleixo

76 LINGUAGEM

- 80 Bordando palavras
- 82 O Pedrês
- 84 Contos e causos do sertão: Brasinha
- 86 Contos e causos do sertão: Rosa
- 88 Contos e causos do sertão: Fátima
- 90 A Literatura e o brilho da vida

92 NATUREZA

- 96 Diário sonoro do sertão
- 100 Ser Tão imagens
- 102 Ave, Sertão!
- 104 Entre a Caatinga e o Cerrado

PARADAS E MOVIMENTOS

- 68 Ponto da comida: Bebidas típicas do sertão
- 98 Ponto da comida: Jacuba
- 170 Ponto da comida: Técnicas da cozinha mineira
- 156 Ponto da comida: Dieta de jagunço em andanças
- 134 Ponto da comida: Frango com quiabo
- 114 Ponto da comida: Comidas das fazendas

SERTÃO MUNDO 106

- Outros sertões: Hamburgo 110
- Outros sertões: Munique 112
- Outros sertões: Achern 116
- Outros sertões: Perth 118
- Outros sertões: Berlim 120
- Outros sertões: Buenos Aires 122
- A fuga 124
- Guararavacã do Guaicuí 126
- Passeio pelo museu 128
- Outros sertões: Paris 130
- Outros sertões: São Paulo 132
- Outros sertões: Roda de Leitura 136

REVERBERAÇÕES 138

- Cantigas de Sagarana 144
- Musicando Rosa 146
- Recado da canção 148
- Rosa na rede 150
- O Manto do vaqueiro 152
- Grande Sertão em gravuras 154
- Bastidores de um concurso 158
- Uma madrugada de primavera no sertão 160
- Como montar e usar o planisfério 162
- Cartas para João 164
- “Desatino de contravoltas”: Festa de Manuelzão 166
- Rebuliços alegrativos: sobre festejos e bailados no sertão 168
- Dos saberes alimentares do sertão de Rosa 172
- Saberes e sabores do sertão 174

Muitos sertões

Claudia Campos Soares
 Dânia Santos Lima
 Diomira Maria C. P. Faria
 Maurício Silva Gino

Como o que nos cerca atravessa e ativa nossa sensibilidade? Com que força os acontecimentos e lugares – reais e ficcionais – nos provocam ao ponto de deslocarmos de nós mesmos, levando-nos ao outro e, ao mesmo tempo, nos trazendo para tão dentro da gente? Não é isso o que faz o sertão de Guimarães Rosa?

A exposição “Sertão Mundo” foi pensada a partir dessas questões, a intenção de deslocar o visitante de si e trazê-lo de volta a partir de uma viagem pelo sertão de Rosa.


Inicialmente, certas palavras recorrentes na obra do escritor nos motivaram: redemoinho, travessia, acaso, labirinto, mundo. Em seguida, nos deparamos com uma vasta produção acadêmica e artística inspirada no

sertão e na literatura rosiana e concordamos, desde sempre, em mostrar o sertão sertanejo, digamos assim, onde Rosa escolheu situar suas estórias. Lá estão sua gente com sua linguagem, seus costumes, suas histórias, aspectos da constituição geológica do solo sertanejo, bem como características do céu do sertão e “o demais de [suas] estrelas”¹. Recriada literariamente, a paisagem e os elementos culturais do sertão tornam-se elementos significativos, que assumem dimensão simbólica, indicam disposições íntimas dos personagens e ou conflitos entre eles. Dessa forma, o sertão de Rosa é capaz de discutir questões que ultrapassam

¹ Discurso de posse. Academia Brasileira, Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/joao-guimaraes-rosa/discurso-de-posse>. Acesso em: 18 nov. 2021.

fronteiras geográficas e temporais, como faz ao responsabilizar Riobaldo, o narrador-protagonista de “Grande Sertão: Veredas”, pela discussão de questões como: a natureza do amor; do ciúme; do medo; da coragem, do mal – e dos limites entre ele e o seu contrário, o bem–; a força motriz das escolhas pessoais; a capacidade de se determinar o próprio destino diante do perturbador acaso entre inúmeras outras questões que transcendem os limites do sertão geográfico e histórico. Essa dimensão transnacional de Guimarães Rosa faz dele um escritor muito traduzido, apesar das conhecidas dificuldades de verter para outros idiomas seu linguajar tão característico. A busca dessa conjunção entre o sertão e o mundo foi o eixo norteador dessa exposição.

Havíamos programado viagens ao sertão para recolher material para as instalações, como imagens e depoimentos. Entretanto, um redemoinho que tudo desorganiza trouxe a inesperada pandemia do Coronavírus que, de repente, nos mostrou que não mais seria possível a montagem de uma exposição presencial, como era tradição do Espaço do Conhecimento UFMG. Então, o primeiro desafio foi pensar como uma experiência virtual poderia dizer desse universo tão potente, provocar questionamentos sobre a realidade e estimular a sensibilidade. Carecemos de coragem para enfrentar o desafio de trazer, através de um site, um pouco do universo rosiano, mas o encaramos confiantes, na expectativa de que o sertão e suas veredas pudessem também se mostrar na



virtualidade e, assim, fazer-se presente em nossa própria travessia e na do(a) visitante do Espaço do Conhecimento UFMG.

O sertão mineiro, que para nós era tão próximo fisicamente, tornou-se inatingível devido a pandemia. O espaço ausente, entretanto, acabou por tomar forma numa cartografia virtual, um convite a uma viagem, que traz elementos do mundo físico do sertão, mas organiza-os de forma própria, sem respeitar estreitamente os limites da geografia, mais ou menos como o faz o próprio Guimarães Rosa em suas obras.

De nossas discussões nasceram os cinco eixos da exposição – infância, natureza, linguagem, reverberações e sertão mundo – e surgiram também as ideias para as

instalações. A primeira foi o portal sonoro, por meio do qual convidaríamos o (a) visitante para adentrar o mundo que concebemos. E de umas foram nascendo ideias para as outras. Contando com a colaboração de muita gente bacana, tentamos trazer à luz um sertão múltiplo, complexo, misturado, determinado e indeterminado ao mesmo tempo, com muito de realidade, mas também com o seu tanto de fantasia – aquela que, como afirmou Antônio Candido, “nos devolve sempre enriquecidos à realidade do cotidiano, onde se tecem os fios da nossa treva e da nossa luz, no destino que nos cabe.”²

² CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In: COUTINHO, Eduardo (org.). Guimarães Rosa. Rio de Janeiro, INL/Civilização Brasileira, 1983. p. 294-309. (Coleção Fortuna Crítica, 6).

Outro desafio foi manter o nosso Sertão Mundo o mais aberto e acessível possível, daí termos pensado em formas de franquear o acesso a vários públicos, incluído o infante juvenil e as pessoas com deficiência visual e ou auditiva, que sempre foi público cativo do Espaço do Conhecimento UFMG. Em função disso, nossas instalações se realizam em várias linguagens, entre elas: áudio, audiovisual, jogos digitais, janelas de libras para algumas instalações e traduções para o português de entrevistas em alemão e francês, mantendo o idioma original do entrevistador.

O elo da equipe curatorial foi a paixão por Guimarães Rosa e nossa força, a diversidade. Somos especialistas em literatura, em projetos expográficos, em turismo e em cinema de animação. E aí está o sertão que

construímos: o Sertão Mundo. Ambicioso, embora soubéssemos que faltaria muito coisa. Mas a sabedoria rosiana nos socorreu mais uma vez: como um livro, uma exposição pode valer pelo muito que, nela, não deveu caber.

Rota literária nos caminhos do sertão

Sérgio Donizete Faria
Marlette Aparecida Resende de Menezes

Do encontro da literatura com o turismo acontece o turismo literário. Nesse contexto, a cartografia, a geografia e o *design*, por meio das referências poéticas literárias, propõem o desenho de “mapas literários”, como forma de representação da geografia real e literária de um território-testemunho da obra. Os mapas constituem modos de apresentar um lugar e “contar” uma história a partir do enredo, da própria obra, do ponto de vista de uma determinada personagem, ou mesmo do percurso do autor. Eles possibilitam “traçar” rotas literárias. O território como cenário e ambiente de experiências fabuladas na produção literária, possibilita ao visitante o trânsito na paisagem e na cultura perenizada pelo escritor. Nesta perspectiva, o Projeto de Extensão “Cartografia Rosiana: Guimarães Rosa sob a Perspectiva

da Preservação, Salvaguarda Cultural e Inclusão Produtiva”, que está inserido nas ações de extensão da Universidade Federal de Minas Gerais, tem trabalhado no encontro da comunidade, da literatura, do turismo e da obra literária de João Guimarães Rosa. O projeto tem como objetivo a concepção de uma Rota Turística Literária pelo Sertão Rosiano, que propicie ao viajante-leitor-viajante uma viagem-travessia mediada pela obra literária rosiana. Tendo como principal referência a produção de um sentido de sertão, rosiano e contemporâneo, a construção da rota num processo colaborativo integra conhecimentos em um mútuo aprendizado da universidade e da comunidade externa, e busca envolver as populações locais com os seus territórios, suas comunidades, crenças, práticas, mitos, valores e história, tendo em

vista que a sociedade detém conhecimentos sobre sua organização e deve se constituir em sujeito e protagonista do seu próprio planejamento.

Neste percurso, tem-se trabalhado na identificação, levantamento, representação e mapeamento de elementos e signos que caracterizam a escrita de João Guimarães Rosa, preservando os lugares que são marcos de sua obra e vida, de forma a valorizar o patrimônio material e imaterial do sertão, o modo de vida do sertanejo na atualidade, salvaguardar a cultura sertaneja, a obra literária e promover a inclusão produtiva.

Ao lidar com a fragilidade das fronteiras, real e ficcional, o *design* como ferramenta projetual, da interpretação e tradução visual, busca criar espaços de trânsito entre o literário e a paisagem, física e visual. No contexto do projeto, ele busca atuar por meio de oficinas criativas de modelagem, visando capturar os elementos do imaginário popular e inserir as comunidades nos processos da elaboração de uma iconográfica simbólica, articulada com a obra literária de João Guimarães Rosa. A proposta implica identificar

pontos transversais, entre o turismo e a literatura, guiar o olhar, nortear a produção visual e promover a construção de novos significados – capazes de favorecer a criação de mapas poéticos, inventar um novo modo de contar história e integrar os espaços.

A integração dos processos do turismo, da literatura, da geografia, da cartografia, do *design* e das práticas vivenciadas com as comunidades locais compreende um modo de dar a ver o mapa, o processo poético da construção dos signos que subsistam os desenhos de novas estruturas do pensamento e da aprendizagem, o que contribui na concepção de uma rota turística literária com a participação da comunidade.

Equipe do Projeto:
Sérgio Donizete Faria (Cartografia – IGC-UFMG)
Diomira Maria Cicci Pinto Faria (Turismo – IGC-UFMG)
Marlette Aparecida Resende de Menezes (Desenho – EBA-UFMG)
Ana Letícia Sousa (Curso de Turismo da UFMG)
Débora Camila Lobo Guimarães (Curso de Turismo da UFMG)
Iolanda Júlia Ramos Loiola (Curso de Turismo da UFMG)
Olga Nelise Möller Ferreira de Gouveia (Curso de *Design* da UFMG)

Do sertão para o mundo

Junia Ferrari
Lila Gaudêncio
Marília Pimenta

A exposição “Sertão Mundo” é o resultado de um esforço coletivo de uma grande equipe do Espaço do Conhecimento que, apoiados pelo engajamento de diversos artistas e admiradores da obra de Guimarães Rosa, traduziram parte do extenso universo rosiano em instalações artísticas distribuídas ao longo de um percurso que tem início no sertão mineiro e alcança o mundo.

Conduzir o público por esse singular caminho não é uma tarefa trivial, pois além da necessidade de se traduzir um vasto material que proporciona múltiplas linguagens, ainda se tem pela frente o desafio de transpor todo esse conteúdo para o espaço virtual. O isolamento social impôs essa condição, mas ao mesmo tempo se mostrou como a grande oportunidade para o Sertão

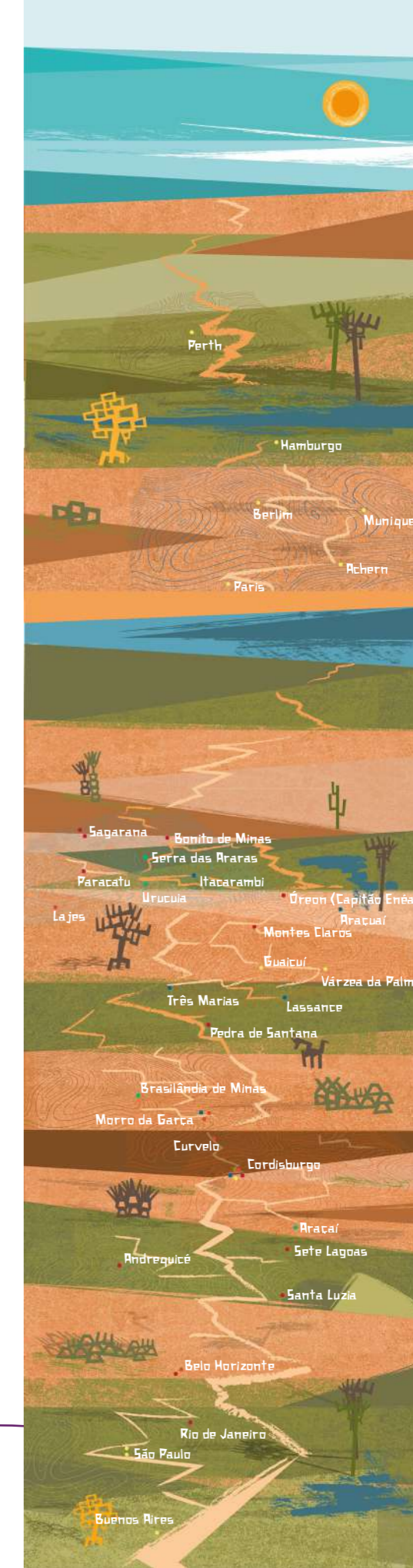
alcançar o mundo. Para isso, foi concebida uma plataforma digital bastante singular, de arquitetura detalhada, e que disponibiliza ao público ferramentas dialógicas e lúdicas que facilitam e instigam o percurso pelo extenso conjunto.

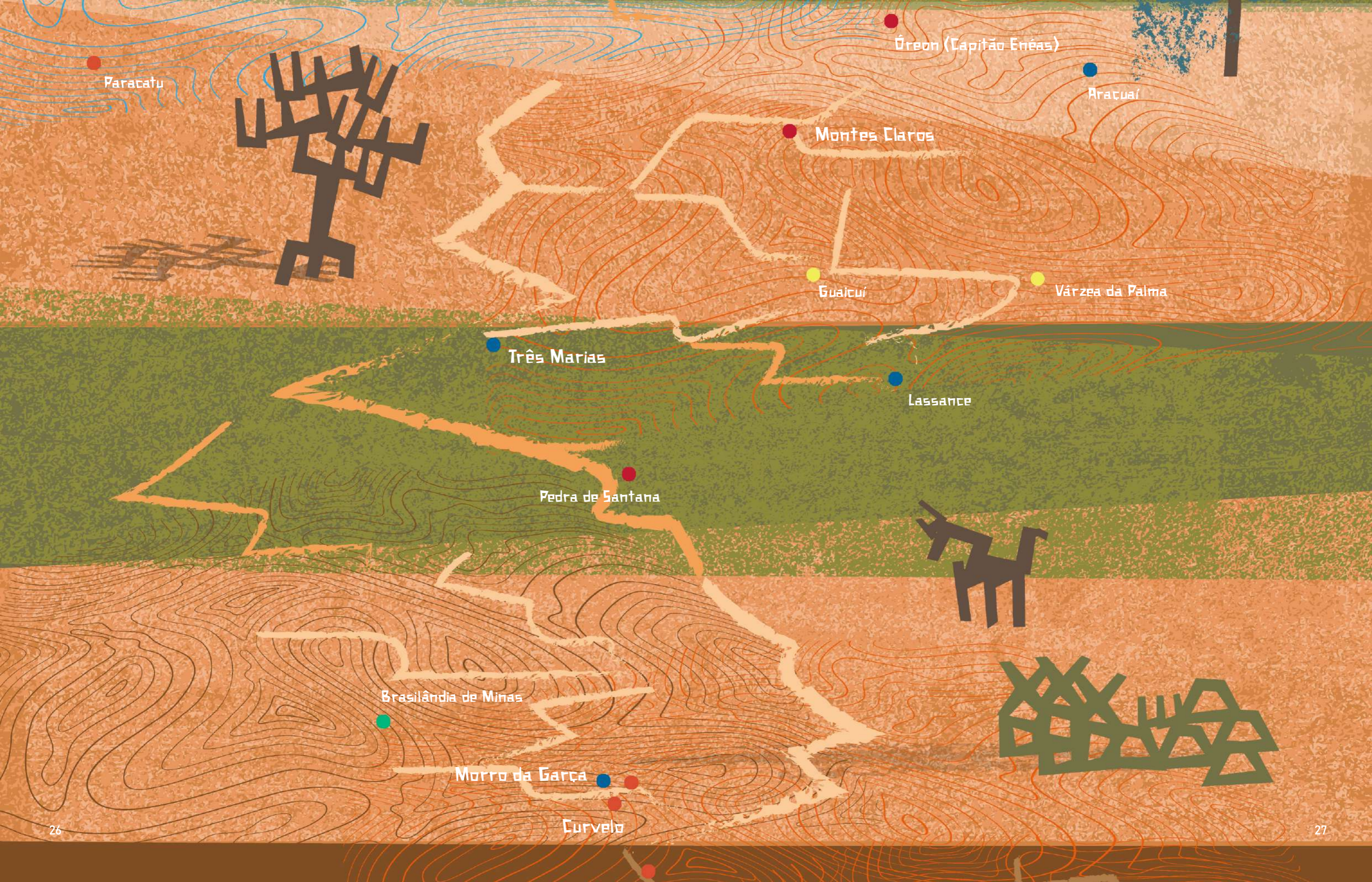
Assim, a exposição “Sertão Mundo”, de forma surpreendente e inovadora, traz ao público um grande acervo, distribuído em quarenta e cinco instalações cuidadosamente produzidas por artistas, apreciadores e colaboradores, e que traduzem o universo rosiano nos mais diversos formatos. De arranjos musicais a dicas de culinária, passando por depoimentos e brincadeiras, além de instalações sonoras e de artes visuais, a literatura de Rosa está organizada em uma cartografia singular - que faz caber o mundo no Sertão

- e que está ali materializada de forma cuidadosa para ser percorrida por públicos diversos.

A singularidade fica por conta dos elementos minuciosamente pensados pela ilustradora Patricia Perez, que traduziu em signos essa geografia tão peculiar de Rosa, e nos aproximou, de forma lúdica, do Sertão Mundo do autor. A fim de propiciar o percurso a todo tipo de viagem - pelo celular ou pela tela do computador -, adotou-se o formato alongado e verticalizado do caminho, ao longo do qual o viajante vai poder descobrir, em cada ponto acionado, as surpresas que as instalações reservam.

Nessa “viagem”, cada um poderá criar seu próprio trajeto, no tempo e intensidade que lhe for mais conveniente e prazeroso, registrando sua experiência com a atenção que a obra de Rosa requer. Para isso, o viajante vai levar em sua bagagem uma caderneta de notas, acessório criado para que ele possa deixar gravado, a partir de uma primorosa coleção de adesivos, parte de seu percurso. Esperamos que sua viagem seja também inesquecivelmente rica e prazerosa.





Paracatu

Ureop (Capitão Enéas)

Aracuaí

Montes Claros

Guaicui

Várzea da Palma

Três Marias

Lassance

Pedra de Santana

Brasilândia de Minas

Morro da Garça

Curvelo

O que o sertão tem para nos dizer

Camila Montovani

O sertão é vasto, mas, ao mesmo tempo, é contido. Tem características geográficas que o definem, apontando-nos a sua direção, indicando-nos onde podemos encontrá-lo. Porém, essa paisagem que se apresenta em determinadas partes do território brasileiro, constitui-se também pelo imaginário de tantas histórias, contos, cantigas. Esse sertão percorre céu, montanhas, riachos, estradas poeirentas, cidades. Para quem o busca, as páginas das obras de João Guimarães Rosa oferecem um mapa por onde se pode navegar.

Movidos por esse desejo de explorar o sertão e seus mistérios, o Espaço do Conhecimento UFMG, em parceria com o Instituto Unimed-BH, apresenta a exposição “Sertão Mundo”. Nela o visitante é convidado a

caminhar por um percurso multilinear, que se abre para experimentações diversas inspiradas no vasto imaginário rosiano.

E, para que esta experiência ganhasse corpo, foi necessário o trabalho de muitas pessoas. A começar, pela equipe de curadores que, inicialmente, foi desenhando e imaginando esse mundo tão peculiar e característico de nossa cultura. Na medida em que a ideia foi ganhando forma, outras equipes se somaram ao projeto. No caso do Núcleo de Comunicação e *Design* do Espaço do Conhecimento UFMG, a participação se deu desde as discussões acerca da identidade visual da exposição até o planejamento das estratégias de divulgação e engajamento com o público.

E como tem sido prazeroso e estimulante levar ao público do Espaço, que se expandiu com as possibilidades criadas pelo ambiente digital, a exposição “Sertão Mundo”! Nesse processo, destacamos o Concurso de Poemas “O Céu do Sertão”, atividade que antecedeu a inauguração da exposição e que, diante dos mais de 230 poemas recebidos, já nos apontava para a força da poética rosiana.

Sendo assim, a divulgação da “Sertão Mundo” tem se valido da riqueza de conteúdos e imagens, que se fazem presentes na exposição, para cativar o público, levando-o a interagir com a obra digital. A partir das redes digitais do Espaço, não apenas comunicamos a exposição com todas as suas cores, vozes, texturas e até sabores, como também nos abrimos para dialogar com o público, ouvir

suas impressões. Assim, compartilhamos sentidos e trocamos experiências, valendo-nos da máxima rosiana que nos diz que “o real não está no início nem no fim, ele se mostra pra gente é no meio da travessia”¹.

Nosso desejo é de que o público, assim como nós, tenha a oportunidade de encontrar esse sertão, que conta uma história para cada um de nós e que nos lembra a riqueza do país que somos, a partir de grandes nomes como João Guimarães Rosa.

¹ ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Identidade visual e seus percursos

Marlette Aparecida Resende de Menezes
Olganelise Möller Ferreira de Gouvêa

● COMUNICAÇÃO E DESIGN

Para elaboração da Identidade Visual da A produção da marca, como uma representação visual do nome, pressupõe o entendimento de algo que veio antes e tem como intuito projetar um sinal gráfico capaz de conter os sentidos de uma ideia e determinar uma continuidade.

No contexto da exposição “Sertão Mundo” a produção da Identidade Visual, cujo horizonte da apresentação é a plataforma virtual, o *design* opera em rede no modo colaborativo e tem como princípio o texto curatorial e o roteiro de uma “Cartografia Rosiana”.

“Para ser fiel a essa travessia errante”, como descreve a equipe da curadoria, a proposta foi atuar no movimento, transitar entre poéticas da obra literária de Guimarães Rosa

e se deixar contaminar pelos sentidos do acaso, da indeterminação, das contradições, das tensões da natureza e das múltiplas possibilidades das relações. O intuito compreendeu também o desejo de envolver as comunidades locais como parte integrante dos processos da produção das imagens para um percurso gráfico visual e literário.

Na elaboração da Identidade Visual, o *design* se apoiou na experiência da prática integrativa com as comunidades de Codisburgo e Morro da Garça, e incorporou a iconografia desenhada para o Projeto de Extensão “Cartografia Rosiana: Guimarães Rosa sob a Perspectiva da Preservação, Salvaguarda Cultural e Inclusão Produtiva”, como matéria-prima dos processos da produção.

A força da iconografia, como elemento visual capaz de traduzir um repertório imagético da região veio da experimentação, das práticas realizadas em oficinas de modelagem com argila junto a população local. O intuito, a inclusão social e a captura do olhar do ponto de vista da comunidade para a produção de uma representação simbólica, oscilou entre os sentidos da natureza na obra do autor e os muitos caminhos para uma abordagem do Ser-tão-Mundo.

Na prática, o design buscou incorporar o sentido das palavras: labirinto, redemoinho, paradoxo e ambiguidade; além de investigar elementos típicos do sertão mineiro, como a fauna, a flora, a paisagem, a gastronomia, o povo, com seus costumes e saberes, buscando traduzi-los em formas, cores, texturas e significados.

As referências: o barro, a coragem, o movimento, a dureza, aliadas às intenções e sensações constituíram meios da produção no risco vago de uma determinação: o corte seco da tipologia Xilosa; a cor laranja do queimado áspero do chão; o azul vereda do céu confundido no rio; o preto carvão labiríntico; o redemoinho infinito do indivisível, do acaso, do medo, da sombra, da morte.

A articulação da tipologia, a tradução dos elementos da iconografia original, o desenho de um alfabeto próprio, a definição da paleta de cores e texturas, compreenderam uma gramática visual de um sistema dinâmico de composição o que possibilitou múltiplas associações, da Identidade Visual, sem se perder no Sertão Mundo.



LOGO ESTÁTICA



LOGO DINÂMICA



FOTOS DAS OFICINAS

ÍCONES CARTOGRAFIA ROSIANA

ÍCONES SERTÃO MUNDO

Os imaginários do sertão

Maurício Gino
Kayke Quadros
Júlia Lobato

O que é o sertão? Como ele é? Onde ele está?

Com essas perguntas em mente, demos início ao grande desafio de compor peças audiovisuais para a nova exposição sobre o sertão de Guimarães Rosa, em consonância com a linha que seria proposta pela equipe de curadores. Inicialmente, imaginamos que teríamos a oportunidade de participar de expedições ao sertão mineiro, uma verdadeira imersão num ambiente que nos permitiria compreender com maior profundidade a obra e o universo do autor, para, então, conseguirmos produzir algo significativo para o nosso visitante. Assim, imaginávamos que a produção de imagens e sons capazes de representar aquelas paisagens seria o caminho mais óbvio e seguro a percorrer.

E aí veio uma inesperada pandemia que logo nos mostrou que não mais seria possível a realização de viagens ao sertão descrito por Rosa em decorrência das medidas sanitárias de distanciamento social. Assim, percebemos que o sertão mineiro tornara-se ainda mais distante e difícil de ser apreendido por nossa equipe para que, a partir daí, pudéssemos criar nossas próprias representações. Mas por outro lado, mostrou-nos também que os recursos audiovisuais seriam ainda mais importantes na concepção e realização da exposição, uma vez que, a partir desse momento, optou-se por uma exposição que se daria inteiramente no ambiente virtual, em função da impossibilidade de realização de eventos presenciais que favorecem a aglomeração de pessoas.

Lembramos, então, que, embora seja certamente sua mais autêntica representação, a obra rosiana também não é propriamente o sertão em si. Nesse sentido, quando quase conseguimos imaginá-lo, ou observá-lo por inteiro, num átimo, sua imagem nos escapa e nos leva para outras paragens com o auxílio das palavras do autor. E, desse modo, vamos construindo e atualizando a nossa própria imagem do sertão: a cada descrição detalhada da paisagem; a cada personagem que nos traz algum aspecto da alma sertaneja; a cada página lida ou, por vezes, relida; e a cada nova expressão reconhecida ou aprendida.

Analogamente, nossas peças audiovisuais nunca conseguiriam ser propriamente o sertão rosiano, mas apenas algumas de suas possíveis representações. Assim, trabalhamos no sentido de compor uma obra a partir da junção de vários fragmentos expressos nas representações dos vários autores que contribuíram com a exposição. Ou seja, cada vídeo que compõe a exposição virtual contribui colaborativamente na construção de uma imagem do sertão imaginado por Guimarães Rosa. E, assim, construiu-se um verdadeiro

mosaico de depoimentos, causos, registros musicais, exposição fotográfica, ilustrações e animação, capazes de representar algumas características naturais, paisagísticas, sociais e culturais ligadas ao sertão rosiano.

Eis aí o grande desafio do Núcleo de Audiovisual do Espaço do Conhecimento UFMG na exposição “Sertão Mundo”: trazer determinados aspectos, ou pequenos fragmentos recortados, daquilo que imagina-se ser o sertão de Guimarães Rosa, para que o próprio espectador consiga construir sua imagem do sertão.

Sem a pretensão de ser o sertão rosiano por inteiro, e muito menos o sertão do interior de Minas Gerais, certamente inalcançáveis no final dessa travessia, contribuímos com a construção de um sertão possível de ser apresentado. Trabalhamos, portanto, com a imagem do sertão. E essa imagem é “o sozinho”. Mas, aqui, “um sozinho” generosamente compartilhado por muitos, em diversas tentativas de representação, materializadas nas instalações audiovisuais da exposição “Sertão Mundo”.

Porque, no fundo, o sertão é mesmo dentro de nós.



Astronomia no sertão

Carlos Eduardo Porto Villani,
Nathalia Nazareth Junqueira Fonseca
Diógenes Martins Pires

No planejamento da exposição “Sertão Mundo”, a equipe do Núcleo de Astronomia foi incentivada e, ao mesmo tempo, desafiada a propor instalações e produtos que explorassem as interseções da astronomia com o universo criado por João Guimarães Rosa. O célebre escritor abordou em várias de suas obras elementos do céu noturno do sertão, como estrelas, constelações e planetas, explorando seus movimentos como uma forma de revelar a passagem do tempo ou suas características como significados simbólicos.

Iniciamos os trabalhos de pesquisa sob orientação da Profa. Claudia Campos Soares, que apresentou e discutiu trechos e obras que se relacionam com o conhecimento astronômico, além de indicar referências

e artigos acadêmicos que abordam esse tema. Estudamos, em especial, o artigo “As estrelas estando”: astronomia cenográfica em Corpo de Baile, de Érico Melo, que cita e analisa um pequeno trecho, no qual dois personagens se veem imersos numa cena com uma narrativa do céu visto no final de uma madrugada de primavera no sertão de Minas Gerais. Diante da riqueza da descrição dos elementos astronômicos dessa passagem, tomamos esse trecho como principal referência para nortear nossas propostas para a exposição.

O trecho mencionado acima e sua interpretação feita por Érico Melo serviram de inspiração para a produção de um vídeo que apresenta a visão do céu noturno descrito na cena. Selecionamos fotografias dos

elementos astronômicos citados e compilamos as principais curiosidades sobre estes objetos associadas ao conhecimento científico em astronomia. Produzido em conjunto com o Núcleo de Audiovisual do museu, o vídeo navega pelo céu no fim de uma madrugada de primavera no sertão, identificando cada elemento e explorando suas curiosidades a partir de fotos detalhadas. O vídeo faz parte da exposição virtual no *site*, mas também integra a única instalação física da “Sertão Mundo”, sendo exibido no quinto andar do Espaço do Conhecimento UFMG, juntamente com imagens do céu noturno e dos objetos astronômicos destacados.

O Núcleo de Astronomia também elaborou uma nova sessão de planetário, que exhibe o céu em uma noite de primavera no

sertão, porém de uma forma mais realista. O ambiente imersivo do planetário torna a experiência completamente diferente da apresentada no vídeo, dando a sensação de que o espectador está realmente no sertão, olhando para o céu. As constelações, estrelas e planetas visíveis desde o início da noite até o amanhecer são identificadas e os conhecimentos astronômicos associados a esses elementos são explicados. A sessão é apresentada ao vivo por um membro da equipe do núcleo, permitindo a interação com o público durante a exibição.

Com o objetivo de que os visitantes possam levar a experiência de observação e reconhecimento dos elementos presentes no céu noturno, vivenciada nas instalações da exposição, para o seu cotidiano e outras

épocas do ano, criamos um planisfério. Esse dispositivo simples em papel permite a identificação das constelações em qualquer dia e horário, em Belo Horizonte e outras cidades mineiras. Pesquisamos modelos de planisférios fornecidos por instituições de astronomia nacionais e internacionais e, com base no material encontrado, desenvolvemos um modelo próprio, com elementos visuais que fazem referência à “Sertão Mundo”. A versão digital para impressão está disponível para *download* no *site* da exposição virtual, juntamente com um vídeo de orientação de como montar e usar o dispositivo.

Planisférios impressos também serão distribuídos para os visitantes do museu no período da exposição.

A presença de elementos de astronomia nas obras de Guimarães Rosa também motivou a organização do concurso de poemas “O Céu do Sertão”, como uma forma de incentivar escritores a se inspirarem no céu e usarem objetos astronômicos em seus versos. As produções dos ganhadores do concurso serão incorporadas à “Sertão Mundo”, na íntegra ou em parte, em forma escrita ou oral, sendo veiculadas no Planetário, Fachada Digital, na exposição virtual e em outras mídias do Espaço do Conhecimento UFMG.



Representação de uma região do céu vista no fim de uma madrugada de primavera no sertão mineiro, onde se encontram os elementos astronômicos descritos no trecho que inspirou as propostas do Núcleo de Astronomia. Fonte: Stellarium.

Caminhares e percursos do Sertãozinho

Abraão Veloso Machado, Evelyn Cristine dos Santos Álvares,
Jonathan Philippe Fernandes Barboza dos Santos, Priscila Martins,
Sibelle Cornélio Diniz, Tamires Batista Silveira, Wellington Luiz Silva

A proposta da exposição virtual “Sertão Mundo” chegou em um momento de reinvenção das práticas educativas do Espaço do Conhecimento UFMG, ocasionada pela pandemia da Covid-19, que parou o planeta Terra e trouxe modificações na nossa maneira de interação com o outro. O presencial se transformou no síncrono, a relação com o outro passou a ser, na maior parte do tempo, através das telas. Um momento difícil que exigiu de todos uma dose extra de coragem, de respeito ao outro e de capacidade de acreditar em tempos melhores. Assim, a exposição surgiu como um convite a experimentar novas interações, de pensar em tempos melhores e de compreender o mundo a partir do Sertão.

O Sertão é o lugar das incertezas e das belezas. Nele cabe o mundo e, às vezes, apenas o nosso ser. Em um primeiro momento, o Sertão se apresenta como incompreensível e como um local árido. Assim, é preciso tentar desvendá-lo, buscar cartografar os seus caminhos, estar imerso nele, para compreender a sua abundância. Nesse sentido, para desenvolver as suas propostas de atividades ligadas à exposição “Sertão Mundo”, o Núcleo de Ações Educativas adentrou nesse território através de encontros de formação da equipe sobre o tema e auxiliando no desenvolvimento de algumas instalações da exposição.

O primeiro movimento de aproximação ao universo do Sertão ocorreu em maio de 2020,

● AÇÕES EDUCATIVAS

quando a equipe do Educativo começou a acompanhar os encontros virtuais do clube de leitura do Espaço do Conhecimento UFMG, atual “Espaço Literário”. Nesses encontros, ocorreu a leitura comentada e discussão da obra “Grande Sertão: Veredas”, mediada pela professora Claudia Campos Soares, professora da Faculdade de Letras da UFMG, especialista em Literatura Brasileira e uma das curadoras da exposição. Os encontros do Espaço Literário se tornaram um ambiente de formação expandida sobre os temas da exposição e permitiram aumentar nossa percepção e capacidade de leitura das nuances do Sertão. A leitura comentada pela professora Claudia ajudou a relacionar a paisagem e o território do Sertão com as aves, os rios e os elementos que aparecem durante toda a narrativa e seu impacto na construção de personagens marcantes. Já em maio de 2021, aconteceu uma atividade formativa da equipe de mediadores do museu com a curadoria

da exposição e o Núcleo de Expografia, onde foram apresentados o conceito, os eixos da exposição e prévias das instalações.

Em paralelo às atividades de formação, a equipe do Educativo participou das reuniões de concepção e desenvolvimento da exposição, contribuindo com a discussão a partir de sua experiência de interação com o público. A partir dessas discussões, o Núcleo se envolveu na construção do Sertãozinho, seção no *site* da exposição onde serão concentradas as ações voltadas para o público infantil, tais como jogos, programação de oficinas e materiais produzidos pelos participantes durante as atividades. Como parte dessa construção, o Núcleo auxiliou na elaboração dos jogos “Venda Sertão Mundo” e “Costurando palavras” e colaborou com a equipe de produção destes, realizando testes e dando sugestões de melhoria da jogabilidade.

No processo de desenvolvimento da exposição, também estiveram presentes discussões a respeito de como tornar a exposição virtual acessível aos diversos públicos e, para isso, houve a elaboração e execução de propostas, tais como suporte para inserção de legendas e janela de Libras (Língua Brasileira de Sinais) em alguns dos vídeos da exposição. Contribuímos ainda com orientações gerais de acessibilidade no *site* que abriga as instalações, tais como tamanho de fonte, contraste e simplicidade da linguagem.

Poder acompanhar o processo de concepção de uma exposição é sempre enriquecedor para a equipe do Núcleo de Ações Educativas. E a exposição “Sertão Mundo” provocou nosso pensar sobre as possibilidades de mediação e interação no meio virtual, uma vez que não se trata da adaptação de uma mostra presencial para o digital, mas sim da concepção de uma exposição já nesse outro universo. O ineditismo dessa experiência despertou novos olhares, estimulando a criatividade da equipe e ampliando sua integração à equipe de curadoria aos demais núcleos de trabalho do Espaço do Conhecimento UFMG.

Durante a preparação para o lançamento da exposição, o Sertão se mostrou, ainda, como lugar de encontros inesperados.

Assim, possibilitou a parceria dos educativos do Centro Cultural UFMG e do Espaço do Conhecimento na construção da atividade “Colorindo o Mundo: Oficina de autorretratos inspirada em Anita Malfatti e nas paisagens do Sertão”, que comporá a programação do Festival de Inverno da UFMG. A atividade foi uma das ações pensadas para a construção da seção “Sertãozinho”.

As ações educativas propostas se apresentam como uma possibilidade de aproximação e diálogo do público com a exposição e com o próprio Sertão. O “Sertãozinho”, em especial, busca essa aproximação com o público infantil, sendo uma oportunidade de interação mais ampla com as complexas ideias apresentadas na obra de Guimarães Rosa. Da cozinha ao céu e do canto dos pássaros ao aconchego do quarto, esperamos que nossas ações educativas ampliem as possibilidades de envolvimento dos públicos nos diversos percursos possíveis pelo Sertão.



1. Peça de divulgação das Ações Educativas: “Sertãozinho”
2. Oficina Virtual: “Colorindo o mundo: autorretratos com Anita Malfatti e o Sertão”
3. Imagem do vídeo: “Desdobrando o museu: Aves do Sertão”. Foto de Abraão Veloso Machado
4. Oficina Virtual: “Hora da Palavra”
5. Oficina Virtual: “Hora da palavra”

No verso do céu do sertão

Emília Mendes

CONCURSO DE POEMAS

O céu é o que margeia a vida do sertão, é a existência sob ele que dá os caminhos para as travessias, sejam elas físicas ou da alma: o sol a pino, as nuvens, as chuvas, as fases da lua, as estrelas que são guias dos sentidos. A contemplação do céu é sempre uma reflexão. Imaginar o sertão visto por Guimarães Rosa é um exercício necessário para o nosso momento, visto que nos leva a perceber a necessidade de preservarmos esses ecossistemas tão “Hércules-Quasímodos”, numa imagem conhecida de Euclides da Cunha.

A prosa roseana nos ensina que nossa vida não é desconectada dos movimentos do céu, que a ciência e a poesia podem andar juntas, que é na articulação entre o factual e o ficcional onde reside o maravilhamento da

vida, onde estão as estórias e as histórias. Sobretudo, nos dá a lição de que os saberes sobre o mundo devem ser múltiplos e democráticos.

A expedição desse concurso se inicia na passagem retirada da novela *Lélio e Lina* na qual Rosa nos conta o seguinte:

“Olharam para trás: a estrela-d’alva saiu do chão e brilhou, enorme. Olharam para trás: um começo de claridade ameaçava, no nascente; beira da lagoa, faltava nada para as saracuras cantarem. Olharam para trás: o sol surgia. Com pouco, atravessavam o pasto da Cascavel. Os passarinhos refinavam. Com esses mil gritos, as maitacas, as araras, os papagaios se cruzavam. Zulzul, o céu vivia, azo que pulsava.”¹

¹ ROSA, João Guimarães. *Corpo de baile*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p.383.

O céu e a vivência se fundem numa linguagem poética, com o fôlego sincopado e curto do ritmo das emoções do experienciado. Escolher a poesia como gênero do concurso – e não a narrativa – foi uma forma de render homenagem à escrita Roseana. Felizmente, a quase totalidade dos 234 inscritos, vindos de 117 cidades do Brasil, soube se imbuir dessa junção entre vida e natureza, desse sopro roseano que nos faz ter “saudades do destino” e perambular pelos espaços e pelas palavras.

Os poemas inscritos também exploraram outros sertões-universo, fazendo mesclagens e experimentações, o que era tão caro a Rosa. Certamente, para além da visão sertaneja e da obra de Guimarães Rosa, o céu é um assunto muito presente na literatura,

é um dos temas nobres e universais: a lua, as estrelas, a via láctea, dentre outros, figuram, de forma referencial ou metafórica, em muitas narrativas, poemas e até mesmo nas poéticas, como é o caso da poesia concreta – constelações, galáxias são conceitos muito relevantes para esse saber-fazer. A tradição do cordel também se fez presente com sua força, sua musicalidade e sua criatividade sertaneja. Retomando Euclides da Cunha: “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”² – nas artes da palavra, da música e da sobrevivência. Além desse diálogo com outras tradições poéticas brasileiras, percebemos, nos poemas enviados, a opção pelos haicais, forma esta vinda de outro longínquo Sertão Mundo. Essa forma “síntese da síntese” que estabelece uma relação tão delicada entre palavra e natureza deu sentidos outros ao céu do sertão.

Como na literatura de Rosa, foi possível ver todas essas influências misturadas, conjugando com o céu do sertão toda a nossa brasilidade, mostrando a nossa sensibilidade como nação sertaneja. Temos: saberes factuais, ficcionais, jogos de forma e sentido, tradições orais e toda uma miríade de possibilidades. Um ponto a ressaltar é o lirismo mágico dos que ouvem as estrelas (perdem o senso e sonham, como no poema de Bilac)

² CUNHA, Euclides da. Os Sertões. São Paulo: Três, 1984.

ou se comovem na simples apreciação da estrela da manhã (nos tantos poemas de Bandeira), tudo isso constelado em torno da sensibilidade mágica desse Miguilim que Guimarães Rosa nunca deixou de ser.

A Comissão Julgadora foi composta por especialistas das áreas de literatura, edição e astronomia, indicados pela Comissão Organizadora, sendo os seguintes, os membros da banca de avaliação:

Emília Mendes: poeta e professora da Faculdade de Letras da UFMG, possui doutorado em Estudos Linguísticos pela UFMG e pela Universidade de Paris XIII;

Silvia Alencar: professora do Departamento de Física da UFMG, possui mestrado e doutorado em Física pela UFMG e pós-doutorado no Instituto Astronômico e Geofísico da USP;

Telma Borges da Silva: escritora e professora da Faculdade de Educação da UFMG, possui mestrado e doutorado em Letras pela UFMG, com estágio sanduíche na Universidade Nova de Lisboa;

Maraíza Labanca: professora, escritora e ministra oficinas de escrita literária em Belo Horizonte, possui mestrado e doutorado em Teoria da Literatura pela Faculdade de Letras da UFMG;

Carlos Eduardo Porto Villani: coordenador do Núcleo de Astronomia do Espaço do Conhecimento UFMG, professor de Física do Colégio Técnico da UFMG, possui mestrado e doutorado em Educação pela UFMG.



Mapa de inscritos por cidade

Todo o processo de inscrição, divulgação e avaliação foi *online* e se iniciou em junho de 2021. O concurso recebeu 234 poemas de autores de 117 cidades localizadas em 22 estados do Brasil, como mostra o mapa acima.

O CÉU QUE SOBRE NÓS SE ESPALHA

Karla Celene Campos

I

Por este sertão se sabe:

O correr das horas

O passar do tempo

Obedecem a um pintor em movimento
Que maneja tintas em seu próprio corpo

E suas tintas

Lá do alto

Respingam aqui

Em nossos atos –

Feito letrinhas disseminadas em dicionários

Por que isto se percebe neste rincão?

Por que a tinta que vem do alto nunca falha?

Aqui é sertão

E o pintor exímio

É o céu

Que sobre nós se espalha

Cobre-nos com seu manto austral

E feito roupa em valseos no varal

Move-se também em nossas veias –

Porque céu de sertão

Em seu esticar fremente

Expande domínios

E se instala

Dentro de bicho

Dentro de planta

Dentro de gente

II

Na decifração das tintas

Na leitura da abóbada celestial

Madrugadores são os galos

Primeiros a ver

A noite a sacudir

O derradeiro avental –

Espalham aviso aos pássaros

Que lépidos

Ligeiros

Em estado de alvoradas

Transmitem promessas de sol

Aos arvoredos

III

O céu é o relógio que nos orienta

Nossa lida se rege

Ao ritmo das cores

Que ele inventa

O céu é o pai que nos espreita

Põe ordem no caos

E enfeita

IV

Ah, os enfeites do céu... Mágico pincel

Enfeita com misturas de tintas

Na aquarela do entardecer

Enfeita com faíscas de sol

Antes de Vênus aparecer

E com interestelar poeira

Compõe poemas

Que vêm das estrelas

V

Depois que Vênus inaugura a noite

Outros astros entram no salão de baile

A Cruz de Estrelas – a confirmar o Sul

Constelação de Órion – com as Três Marias

A Hidra surge quando chega março

E em agosto

Escorpião espia

Estrelas frias

Amareladas

Branco-azuladas

Vermelhas

Nos mistérios de junho

Das noites prolongadas

Podemos tocá-las

Além de vê-las –

Pois que no céu do sertão – este alcançável

Estrelas e vagalumes se confundem

E a Lua

Eterna enamorada

Surge

Despudorada

E nua

Comanda o espetáculo

No palco

Escolhido como morada:

O céu do sertão –

Que sobre nós se espalha.

Poema vencedor do concurso.

SOB O CÉU DO SERTÃO: MISTÉRIOS

Maria Galindo

Solstício de inverno
Último rastro de Sirius
Tatua o límpido do céu...

...Rio suspenso

Lá vem o Escorpião
Com sua lanterna vermelha
A perseguir o caçador

As Três Maria se foram
Com Orion
E outras três estão aqui
Lendo astros
Desvendando constelações
Alinhando estrelas cadentes
Em chuva

Na noite escura
 Banho de luz
 Luminosa vertigem

Nebulosa é a Via Láctea
E a estrada do destino
Que está por vir
Coruja pia na Cumeeira

Futuro descarrilhado
Em rabo do cometa
Quem é caça? Quem é caçador?

Murmúrios vindos
Das travessias
Onde a cascavel campeia

Emboscada dos sonhos
Veredas da imaginação
Medo dos silêncios
Que calam perigosas verdades

“Onde estará o nosso irmão?”
Perguntam as três Marias
No desesperar das horas passadas

“A gente procura no Céu
O que ninguém dá paradeiro”

Sertão! Sertão! Sertão!

A resposta, nas estrelas
Desenha a adivinhação

Astúcias de Antares
Sangram aquele que está perdido
Céu do Sertão – vidência estelar

LUNÁRIO PERPÉTUO

Ciro Leandro Costa da Fonsêca

Céu,
Livro da vida,
Manual da existência
Do sertanejo.

Nas estrelas
O alfa e o ômega,
O princípio e o fim da vida,
Dos tempos, das estações,
Lidos pela luneta do sertão,
Instrumento místico
Cano feito de mãos calejadas,
Lente de olhos que enxergam além do céu.
Enxada cósmica
A campinar os astros.

O sertanejo aprende
No lunário perpétuo da voz
A entender nas estrelas
Os pontos luminosos da vida,
Verão, inverno,
Secas e chuvas,
Fome ou fartura.

Tempo de plantar,
Tempo de colher,
Tempo de viver,
Tempo de morrer.
Azar ou sorte.

Signos, sinas,
Destinos,
O caos e o cosmos
Na vida do sertanejo
Guiado pelos céus.

As profecias das secas
E dos invernos,
Tempo de chuvas,
Nas estações sertanejas
Diferente das estações meteorológicas.

O Cruzeiro-do Sul,
Em sua dinâmica
Mudando de lugar
Como as cruces da vida.
Nunca fixo como as cruces das estradas,
Dos cemitérios.
O céu não está terminado,
Aquieta e desinquieta,
Como a vida no universo de Guimarães
Rosa.

A Estrela de Davi ou de Belém
Cuja passagem marcou novo tempo,
E que teima em reaparecer como sinal de
esperança
Dando ao sertanejo o sentimento de
recomeço.

A Estrela-D'alva
Aviso do levantar para a lida,
A Estrela Vésper,
Sinal que o dia se foi,
É preciso descansar,
Aquietar a alma,
Acalentar com as vozes dos narradores.
Céu no sertão é voz,
É memória.

O céu do dia de Santa Luzia,
Janeiro seco ou chuvoso.
A barra da dia de Natal
Amanhecer esperançoso para o ano vindouro.
Os dias de São José e de São João,
Liturgia dos astros,
Bíblia celeste sertaneja.
Mudanças de estações,
Mudanças de rumos.

Poema classificado em terceiro lugar no concurso.

Sertão,
Terra marcada pelos passos,
Céu marcado pelas luzes,
Narrativa cósmica e luminosa.

Sertanejo,
Vaqueiro dos astros,
Pastorador de estrelas.
Profeta do tempo,
Enxerga no céu
O espelho da vida
E da história

STELLA MULIERIBUS

Neila Reis da Silva

O caboclo olhou o céu,
Admirando apaixonado as Três Marias,
Acreditava que elas também o olhavam,
E que elas eram sua avó, mãe e tia.

Três Marias perdidas no seco sertão nordestino,
Três Marias sofridas que seguiram seus destinos.

Maria da Glória era como Antares,
Uma mulher brilhante e forte,
Foi mulher de cangaceiro,
E como ele encontrou logo a morte.

Maria de Lourdes era como Sírius,
E se levantava junto com o Sol,
Era trabalhadora e vigorosa,
E era bonita como um girassol.

Maria Damiana era vibrante e alegre,
Como a Estrela da Manhã,
Era de risada fácil e beijo doce,
E tinha um hálito doce de hortelã.

Eram todas mulheres fortes,
Eram todas nordestinas e brasileiras
Que encantam na terra,
E brilham no céu,
Como Estrelas Altaneiras.

Poema classificado em quarto lugar no concurso.

TRILHAS MATUTAS

Perpétua Conceição da Cunha Amorim

Quando a lua desce pelas trilhas da serra,
a noite faz-se emboscadas para camuflar o céu.
Esse mesmo céu que aprendi a ler,
antes mesmo soletrar o bê-á-bá.
Antes de saber qualquer reza forte,
que pudesse proteger-me.

Olhar as estrelas, aprendi com a minha avó.
Foi ela que ensinou-me os segredos do céu,
nem sempre azul, como gostaria,
nem sempre cinza, como as vezes eu o via.
O céu de Dona Chica alternava em manto e véu.

Nas fases da lua e nos rastros dos cometas, eu sentia
o vai e vem dos meus desejos morrendo com as estrelas cadentes,
deixando marcas num quadrante azul que era só meu.

Construir escadas para chegar nas estrelas,
foi o pai que ensinou-me.
Todos os degraus tinham a poeira do sertão,
a crença e a maldição de cada emboscada,
o perigo da noite escura no meio da madrugada.

Conhecer as fases da lua e a força de cada uma.
Esperar a chuva e aguardar o frio nas entrelinhas do céu,
ler o infinito e plantar no destino as sementes desejadas.

Nas histórias ouvidas, guardei como lição
Que o sertanejo anda guiado pelo céu.
Ora na fé, ora na claridade da lua,
não olha para o chão, não olha para os lados.
Corpo fechado e a alma entregue aos mistérios do sertão

Nas quatro fases da lua, cada gota de azul derramada,
é sinal ou sina na empreitada.
E o sertanejo segue a risca as trilhas marcadas
e mais nada.

Poema classificado em quinto lugar no concurso.



Ao entrar no *site* da exposição, o visitante passa pela primeira instalação, o “Portal Sonoro”, que traz palavras faladas e escritas sobre o que é o sertão de Guimarães Rosa. O som das palavras se sobrepõem, na medida em que entram em um redemoinho, se misturando, trazendo a ideia do Sertão Mundo. Em seguida, o visitante inicia sua travessia, escolhendo os pontos no mapa onde deseja conhecer as instalações.

Neste catálogo, o visitante-leitor é convidado também a percorrer um caminho. Cada página é um ponto de parada do mapa do Sertão Mundo. Não há uma rota definida e cada um pode fazer o seu percurso, passando pelos cinco eixos da exposição. Comece com um ponto ao acaso, vá seguindo as indicações, ou então, faça do acaso o seu guia, a cada nova parada uma surpresa, um destino, uma instalação.

INFÂNCIA

Infância - tempo de começo

Elisa Almeida
Silvia Pinheiro Machado

Ser de lá... ser de cá. Essas passagens, sertão. Do nascer ao morrer, atravessar. A infância é o começo. Para lá não se volta – saudade. De lá se retoma e se cria – saúde. Infância é o ponto de partida de um movimento espiral.

Assim. Imagine-se um ponto e vamos chamá-lo de K, como na álgebra mágica. Agora forme essa figura aqui: em torno de K, círculos concêntricos começam a pintar...mais círculos...mais. E mais e mais amplos círculos girando em torno de K: pontozinho primeiro e central. Então escute um som e vamos chamá-lo de lá. Ele se une aos círculos, que começam a espiralar. Tudo roda, gira, ciranda abrindo-se para o alto, mas o ponto k continua firme e afinado lá.

A arte literária de João Guimarães Rosa faz ecoar a infância – tempo que dá o tom principal em cada tracinho, letra, sílaba, palavra, versinho, oração, frase, parágrafo, estórias com começo, meio e fim. Ah...Hum... Sem fim! E pronto! É só colocar uns três pontinhos assim ... ou um símbolo assim ∞ que tudo volta a começar.

Na novela “Campo Geral” o eco ressoa no modo de contar, como pó de pirlimpimpim assoprado na linguagem do texto que magicamente transporta o leitor para o interior do personagem protagonista: “Miguilim tinha oito anos”.¹ Confundidos e misturados, o narrador da estória com o próprio Miguilim, descortina-se à frente do leitor da novela,

¹ ROSA, João Guimarães. Campo geral. São Paulo: Global, 2019.

de qualquer idade, um jeito de ver, sentir e pensar o mundo tal e qual uma criança.

No conto “A menina de lá”, Nhinhinha, de nem quatro anos, é uma menina-vidente mais para calada. Mas quando falava, menina-poesia, costumava ser do bonito e do absurdo. Em um determinado trecho, o narrador nos conta que Nhinhinha trazia à baila a estória “da precisão de se fazer lista das coisas todas que no dia por dia a gente vem perdendo”². A infância pode ser então coisa de se viver um começo-novidade, ao mesmo tempo em que se perde aos poucos o que se sabia de antes ainda? E, se assim fosse, o que exatamente se iria perdendo na meninez?

Brejeirinha, personagem do conto “Partida do Audaz Navegante”, menina que “gostava, poetista, de importar desses sérios nomes que lampejam longo clarão no escuro da nossa ignorância”³, daria um “pulo por

² ROSA, João Guimarães. A menina de lá. In: ROSA, João Guimarães. Primeiras estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2001.

³ ROSA, João Guimarães. Partida do Audaz Navegante. In: ROSA, João Guimarães. Primeiras estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2001.

pirueta” pirlimpimpimente e inventaria uma estória para nos confortar de nossas perdas.

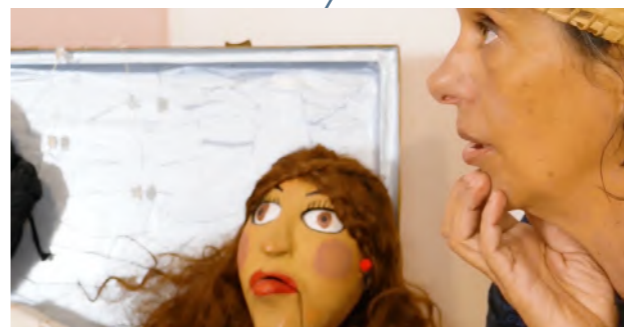
Arte. As palavras narradas em estado de poesia geram elos para as discontinuidades de nossa travessia e podem, quem sabe, nos conectar com a infância dentro de nós. Com o pensar-imaginação prene de plasticidade. Com o poder solto de inventar, em que qualquer coisa pode virar tudo. Com os olhos nus e livres, prontos a enxergar a beleza. Com a leveza do lúdico jeito de ser, falar e mover e a transparência de se expressar no mundo com a curiosidade e espanto próprios a quem sempre está vendo tudo pela primeira vez. Com o impulso e o poder de ler o mundo com os olhos do coração.

Ser de cá... ser de lá. Esses lugares, sertão. Da meninice à adulez, atravessar. A infância é um começo que acontece dentro da gente.

Brincar de geografia

Itacarambi

A artista Selma Maria, em suas pesquisas pelo sertão brasileiro e aldeias de Portugal, reuniu diferentes brincades, que pertencem, muitas vezes, às crianças do mundo inteiro. Ela coletou muitos brinquedos, de diferentes materiais, em sua maior parte artesanais. Os cinco vídeos da série “Brincar de Geografia” apresentam estes brinquedos, feitos com imaginação, que trazem elementos da natureza e vestígios do cotidiano.



Roteiro e Atuação: Selma Maria
Direção e Gravação: Hellena Kwasne
Edição: Clarissa Mohany
Corte Final: Julia Lobato

Imagens da série de vídeos: “Brincar de Geografia”

Próxima parada: página 90

Casinha do sertão: Morro da Garça

Fátima Coelho apresenta o vídeo sobre o projeto que coordena: a Casinha da Cultura das Crianças do Sertão Marily da Cunha Bezerra, inaugurada em 2009, em Morro da Garça. A casinha oferece diversas atividades, brinquedos e brincadeiras tradicionais para as crianças da região e é, para muitos, um lugar de alegria.

● Morro da Garça



Imagens do vídeo: "Casinha do Sertão: Morro da Garça"

Entrevistada: Fátima Coelho
Direção, Produção e Edição de Imagens: Tiago Rocha
Produção Executiva: Vinícius Pereira Cândido
Finalização: Kayke Quadros

Próxima parada: página 110

Venda Sertão Mundo

A instalação “Venda Sertão Mundo” é um jogo criado especialmente para a exposição, inspirado nas vendas que toda cidadezinha tem. Ao entrar na venda, um menino vê um redemoinho passando e espalhando todos os produtos. Sua missão agora é encontrar os objetos perdidos em diferentes cenários, indicados no mapa. Pelo caminho, irá encontrar também amontados de outros objetos, histórias e coisas interessantes.

Cordisburgo



Imagens do jogo: “Venda do Sertão Mundo”

Concepção: Dânia Lima
Sergio Donizete Faria
Wellington Luiz Silva
Coordenação: Fernando Nigro
Arte: Julia Moraes Freitas
Desenvolvimento: Jonathan Bergson
Roteiro: Carla Viana Coscarelli
Claudia Campos Soares
Fabiane Oliveira
Fernando Nigro
Sergio Donizete Faria

Próxima parada: página 174

Paradas e movimentos: pontos da comida

Descubra algumas bebidas típicas do sertão. A instalação, fruto da pesquisa da professora Sabrina Sedlmayer com ilustrações de Carmen Diniz, é um convite a um pouso na viagem, para se deliciar com pratos, ingredientes e modos de preparo singulares.

Próxima parada: página 130

Texto e Pesquisa: Sabrina Sedlmayer
Design e Ilustrações: Carmen Diniz

BEBIDAS

CHÁ DE URUMBEBA
(MEZINHAS, GARRAFADAS
DE RAÍZES E FOLHAS)



CAFÉ



JACUBA

REFRESCO DE
PÊRA-DO-CAMPO
(MANGABA, CAÍDA
NO CHÃO)

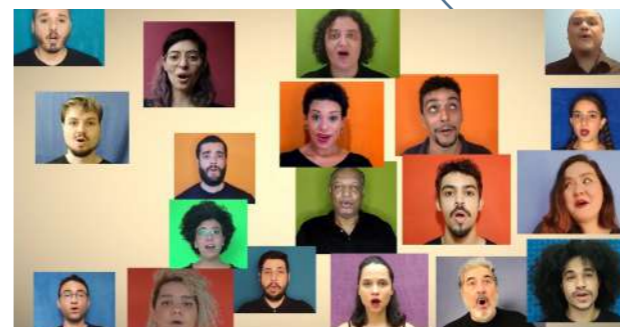
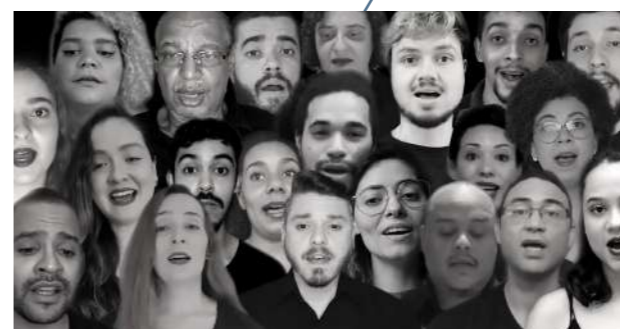


CACHAÇA

Vozes em Veredas

Vídeo do Ars Nova-Coral da UFMG com canções populares citadas na obra de Guimarães Rosa (todas de domínio público) e canções de diversos sertões - “O Galo Cantou na Serra”; “Barra da Vaca; Sagarana”. Arranjo de Mauro Rodrigues, direção musical de Lincoln Andrade.

Araçuaí



Imagens do vídeo: Ars Nova-Coral da UFMG

Direção Musical: Lincoln Andrade
Direção Artística, Mixagem de Áudio,
Ilustração, Animação, Montagem e
Edição de Imagens: Carolina Claret
Leonardo Clementine
Assistente de Mixagem de Áudio: Lincoln Andrade
Produção Cultural: Tayane Bragança
Leonardo Clementine
Comunicação: Luíza Lisboa
Administração Institucional: Marina Araújo
Fotografias e Vídeos: Ronaldo Alves
Sarah Reis
Piano: Bruno Cruz
Atuação Cênica (Sertanejo): Og Martins
Fotografias: Ronaldo Alves
Arranjos: Mauro Rodrigues
Finalização: Kayke Quadros

Próxima parada: página 154

O Primeiro encontro

Narração: Elisa Almeida
Filmagem e captação de áudio: Kayke Quadros
Edição: Kayke Quadros

Pela voz da narradora Elisa Almeida, é possível ouvir na instalação o trecho de “Grande Sertão: Veredas” em que Riobaldo, ainda criança, descreve seu primeiro encontro com Diadorim. O encontro aconteceu às margens de um afluente do Rio São Francisco, o De Janeiro, onde fazem juntos a primeira travessia.



Imagens do vídeo com narração de Elisa Almeida

Três Marias

O caso do Aleixo

No vídeo da instalação, Evelyn Guedes, do Grupo Miguilim, narra um trecho do “Grande Sertão: Veredas”, em que Riobaldo, narrador do romance, nos conta “O caso do Aleixo”, umas das muitas histórias que recheiam o livro. Trata-se do embate entre o Bem e o Mal, que aqui se reflete também na preocupação do narrador com a existência do diabo, sua atuação e influência na nossa vida.

● Lassance



Imagens do vídeo com narração de Evelyn, do Grupo Miguilim

Narração: Evelyn Guedes – Grupo Miguilim
Filmagem e edição Lacônico Filmes

LINGUAGEM

A literatura bordando a vida

Carla Coscarelli

Guimarães Rosa é sinônimo de trabalho com a linguagem. Um trabalho intenso de observar as pessoas, os lugares, os falares, os sons das coisas e dos bichos e depois tecer com eles histórias de vidas, de experiências, de reflexões sobre nossa passagem por esse mundo e sobre as nossas conexões com outros universos e outras paisagens.

A exposição “Sertão Mundo” brinca com a observação dos lugares e com os processos de construção de palavras, muito explorados por Guimarães Rosa. Coisa de quem aprende novas palavras e torna outras mais belas, como diz Drummond no poema “Canção Amiga”. Exploramos a transformação da palavra em arte no jogo “Bordando Palavras”, em que os jogadores vão precisar prestar atenção no ambiente para encontrar as letras que vão usar na criação de palavras, fazendo com elas um bordado.

Para essa exposição trouxemos, como não poderia deixar de ser, contos e causos, contados por quem gosta de histórias, ambientadas nos cenários de Guimarães Rosa, como o Morro da Garça. Histórias que também são contadas em bordados feitos por bordadeiras que se inspiram no serrado mineiro, registrando em outras linguagens as paisagens e a vida desses lugares.

Os personagens importantes desse cenário são os cavalos e os burros, que chegam na exposição em uma animação de tirar o fôlego baseada no conto “Burrinho Pedrês”, uma aventura cheia de emoções e reflexões sobre a sabedoria e a maturidade, bem como sobre a condição humana e suas relações com a natureza.

O brilho dessa literatura e de seus desdobramentos são registrados em conversas inspiradoras com pesquisadores e amantes da literatura e que nos trazem uma visão da relevância e da abrangência da obra de Guimarães Rosa, para que possamos nos entender como seres humanos, nos espelhando nas histórias de outras pessoas retratadas pelos escritores.

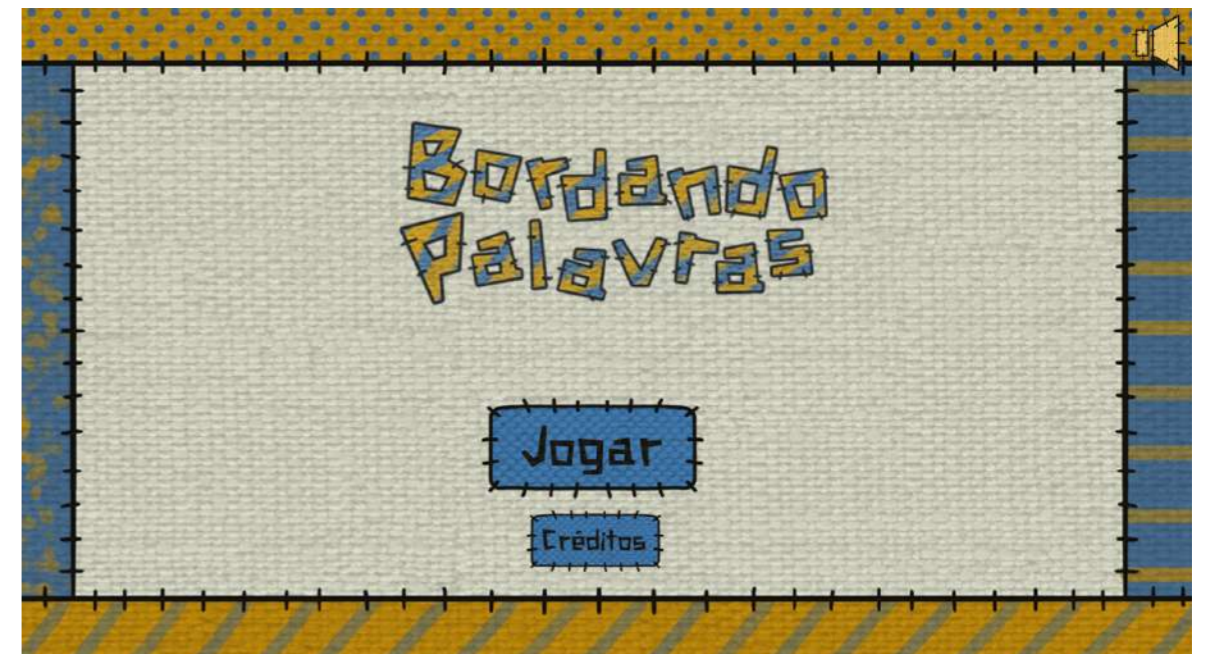
A beleza da literatura brasileira é reflexo da nossa diversidade. O Sertão de Guimarães Rosa é um espelho da nossa cultura e da natureza humana neste mundo. Somos todos sertanejos e o sertão é o mundo todo.

Sejam bem-vindos ao “Sertão Mundo”, suas linguagens, histórias, brincadeiras, causos e prosas.

Bordando palavras

● Curvelo

Guimarães Rosa, além de mineiro, diplomata, linguista e muitas outras coisas, era poeta. E isso consistia, muitas vezes, no cuidadoso bordado de novas palavras, que se faz necessário, quando apenas as palavras que usamos no dia a dia não bastam. Na instalação-jogo interativa, criada especialmente para a exposição, o visitante é convidado a bordar novas palavras como quiser e incorporá-las em cartões com suas próprias construções. Para isso, porém, devem ser encontradas as letras e os morfemas perdidos na casa da Vovó Vedinha.



Imagens do jogo: "Bordando palavras"

Coordenação: Fernando Nigro
Arte: Camila de Wagner
Desenvolvimento: Rafael Pinheiro
Roteiro: Carla Coscarelli, Claudia Soares,
Fabiane Oliveira, Fernando Nigro e Sergio Faria
Efeitos Sonoros: Fernando Nigro

O Pedrês

“O Pedrês” é um curta de animação que se baseia no personagem homônimo criado por Guimarães Rosa. A partir do olhar sensível de um burrinho durante uma comitiva, percebem-se os sentimentos que envolvem a condução ritmada de uma boiada por um caminho sem volta.

● Lajes

Roteiro, Direção e Animação: Maurício Gino



Imagens do curta de animação: “O Pedrês”

Contos e causos do sertão: Brasinha

No vídeo da instalação, Brasinha, personalidade famosa em Cordisburgo, dono de uma loja de objetos antigos e inúmeras histórias, conta o caso do “Ladrão do Xavier”, que presenciou em seu tempo de moço. O ladrão rouba o comerciante mais querido da cidade e, como prova de que Cordisburgo é a cidade do coração, é recebido com carinho por toda a população local.



Imagens do vídeo com Brasinha

Entrevistado: Brasinha
Câmera e Edição: Rodolfo Goulart e Vitor Martins
Finalização: Kayke Quadros

● Cordisburgo

Próxima parada: página 172

Contos e causos do sertão: Rosa

O livro “Nós, as Garças” é uma linda homenagem ao sertão mineiro, totalmente feito por bordadeiras da cidade de Morro da Garça. Neste vídeo, Rosa conta como foi sua participação, as dificuldades e recompensas de um projeto tão cheio de significados para os moradores do cerrado de Minas Gerais.

● Morro da Garça



Imagens do vídeo com Rosa Coelho

Entrevistada: Rosa Coelho
Direção, Produção e Edição de Imagens: Tiago Rocha
Produção Executiva: Vinícius Pereira Cândido
Finalização: Kayke Quadros

Contos e causos do sertão: Fátima

Entre as várias histórias fantásticas contadas no sertão mineiro, está “A lenda da luz”. Também conhecida por “Luz Andeja”, “Mãe do Ouro” e outros nomes, a Luz é um personagem conhecido em Morro da Garça. Diz-se que habita o local há muito tempo, possui inúmeras origens e, geralmente, é vista em noites escuras e tempos chuvosos, acompanhando viajantes em lugares com pouca iluminação. Fátima, moradora de Morro da Graça, conta sobre sua primeira experiência com a Luz.



Imagens do vídeo com Fátima Coelho

● Morro da Garça

Entrevistada: Fátima Coelho
Direção, Produção e Edição de Imagens: Tiago Rocha
Produção Executiva: Vinícius Pereira Cândido
Finalização: Kayke Quadros

A Literatura e o brilho da vida

Diomira Faria, uma das curadoras da exposição “Sertão Mundo”, conversa com os professores Marcia Morais da PUC-MG e Luiz Claudio Oliveira da UFMG sobre poesia, literatura e a condição humana. O vídeo apresenta pontos de vista, iluminados pela lírica de diversos poetas e escritores, sobre como a literatura educa nossa sensibilidade e nos coloca em diálogo com o que há de humano em cada um de nós. Ao final, são apresentadas dicas de como ler Guimarães Rosa.

● Belo Horizonte

Diomira Maria:

“E é muito interessante né, Marcia. Porque quando você fala desse ir e vir, ou seja, a gente se aproxima, mas também a gente se distancia, mas há uma contaminação, então você nunca sai da mesma forma que entrou. Essa transformação realmente é possibilitada por esse sopro de poema.”

Luiz Claudio:

“E isso é um processo. Eu acho interessante a literatura, tanto a ficção quanto a poesia, porque esse brilho e esse sopro eles funcionam de formas diferentes para diferentes pessoas, mesmo a gente. Você lê um livro em uma determinada fase da sua vida e mais na frente você vai ler o mesmo livro e vai ter uma iluminação diferente, vai ter um brilho diferente, um outro sopro, então esse é um processo de mudança e de transformação que é permanente e funciona, diferentemente, para várias pessoas.”

Marcia Morais:

“E é um pouco inexplicável, não tem como, *pari passu*, a gente dizer o que aconteceu, a gente sente. Aliás, as coisas indizíveis, elas são, às vezes, muito mais transformadoras.”



Imagens do vídeo com Márcia Morais, Luiz Claudio Oliveira e Diomira Faria

Participantes: Marcia Morais (PUC Minas)
Luiz Claudio Oliveira (UFMG)
Filmagem e Captação de Áudio: Kayke Quadros
Edição: Kayke Quadros
Mediação: Diomira Ma. C. P. Faria (UFMG)
Edição: Núcleo de Audiovisual do Espaço do Conhecimento UFMG

Próxima parada: página 150

NATUREZA

Uma porteira escancarada para o Sertão Mundo

Dieter Heidemann,
o Nhô Dito de Morro da Garça

Milmaravilha! Sorte para quem ainda não viu a exposição completa “Sertão Mundo” do Espaço de Conhecimento da UFMG. Vai ter ainda como um grande presente a bela oportunidade para fazer uma prazerosa viagem virtual. Uma multiprodução em cinco eixos da obra de João Guimarães Rosa feita por inúmeras mãos, olhares, falas, sonoridades e imaginativas. Só vendo a ampla ficha técnica já dá tonturas.

O Sertão não é, nem para geógrafos conscientes, apenas uma faixa territorial. O Sertão não está apenas nos territórios do Cerrado, da Caatinga, ao lado interior da BR Rio-Santos ou no “Sertão de Santo Amaro” na jovem São Paulo. O Sertão está no mundo e é muito mais, como João Guimarães Rosa nos ensina. O Sertão é do tamanho do mundo e está ao mesmo tempo dentro da gente, na

nossa mente e psique, nos nossos desejos, prazeres e nas nossas fantasias.

Na materialidade, vivemos nesta exposição o belo “ser-tão natureza” da famosa Boiada de 1952, tão bem apresentado pela Monica Meyer. Porém, hoje, presenciamos o desenvolvimento insustentável (e irreversível?) da natureza. No “Grande Sertão: Veredas” o escritor já alertava:

“Mas, o senhor sério tenciona devassar a raso este mar de territórios, para sortimento de conferir o que existe? Tem seus motivos. Agora – digo por mim – o senhor vem, veio tarde. Tempos foram..., pouco sobra, nem não sobra mais nada.”¹

¹ ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

É sempre bom lembrar que a própria natureza e as suas alterações são socialmente produzidas. Um domínio destrutivo sobre a natureza é condicionado pelas formas do domínio do homem sobre o homem. A exposição coloca o visitante na pista desta reflexão. Algumas coisas sobraram nos contínuos processos da transformação.

Entre inúmeros detalhes, e muitos outros podem ser elogiados, alguns merecem meu destaque pessoal: Como sou alemão morador do Morro da Garça quero salientar, que fiquei impressionado com a apresentação da Fátima Coelho, preocupada com a integração cultural da região, juntando as diversas intensas atividades concretas inspiradas na obra de Guimarães Rosa com a menção às lendas locais e magias metafísicas, bem no modo roseano.

Uma iguaria especial para mim é o depoimento do Günter W. Lorenz (em Achern na Alemanha) do arquivo do documentário “Outro Sertão” falando sobre os bastidores

da famigerada entrevista com JGR. Curt Meyer Clason (em Munique) falando dos bastidores do desafio da tradução do Rosa para a língua alemã.

Tem muito, muito mais para dizer, mas deixo as descobertas das felicidades para cada um dos visitantes. A exposição do Espaço do Conhecimento UFMG foi desenhada cuidadosamente e com criatividade. E ainda vem mais em próximas etapas. Joãozinho iria gostar da viagem pelas suas paisagens.

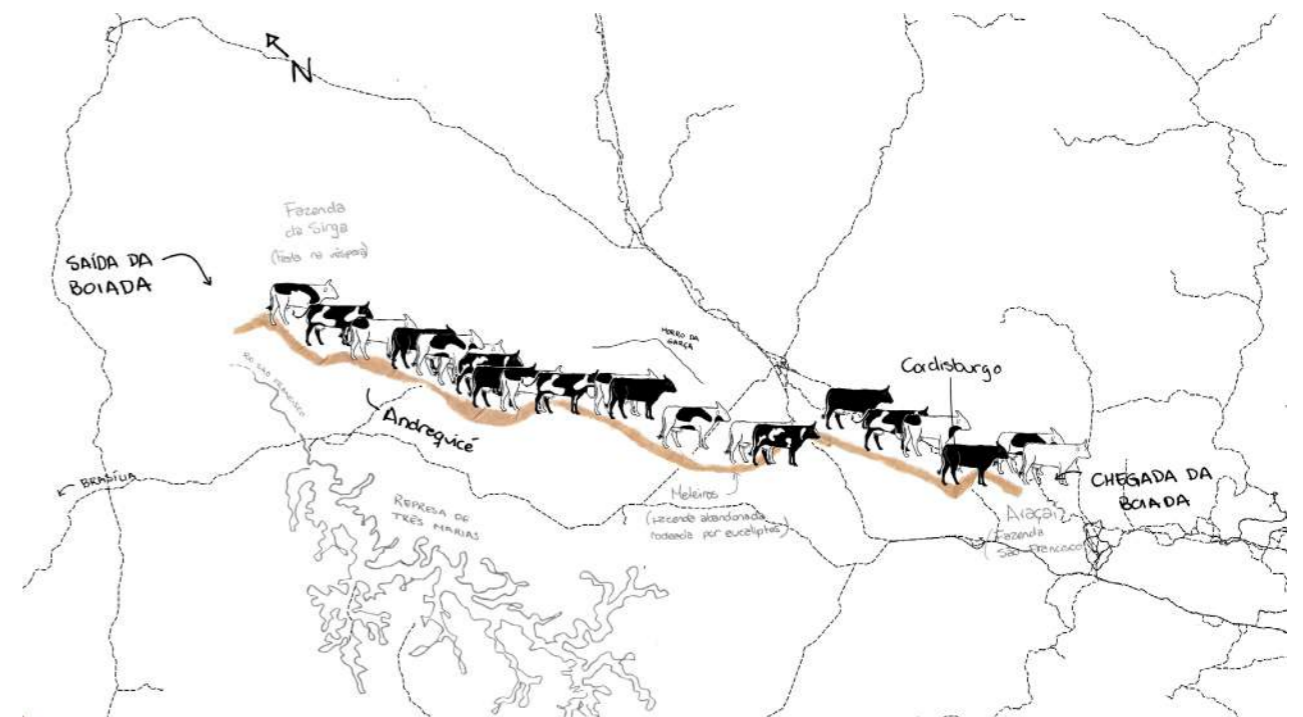
E agora só me resta um “Recado do Morro” para o visitante da exposição “Sertão Mundo” e não é um recado de morte, traição e Tânato, mas é um recado de vida, paixão e Eros para o viajante: Faça como Seu Alquist, arrume a sua matula, uma caderneta, uma “Kodaque”, conquiste apaixonadamente o roteiro da exposição e viaje também pelos ocultos caminhos dentro de você. Vai dar sopro e brilho a sua vida.

Meu profundo agradecimento aos curadores.

Diário sonoro do sertão

O “Diário sonoro do sertão” é um registro documental inspirado no trajeto e nas anotações de Guimarães Rosa em sua viagem pelo sertão de Minas Gerais em 1952. “A Boiada”, título dado pelo escritor ao seu diário, refere-se à travessia de uma boiada da Fazenda da Sirga, em Andrequicé, até a Fazenda São Francisco, em Araçai. No trajeto, Guimarães Rosa anota com precisão de detalhes uma pluralidade de sons. Esse mapa sonoro, gravado em 2021, representa e ilustra a sonoridade desse diário. Ressaltamos que as gravações foram realizadas *in situ*, baseadas no roteiro original da “A boiada”. Incluímos a voz de Manuelzão e Bindóia, vaqueiros e membros da comitiva, em gravação realizada anteriormente em 1993. A sonoridade do cerrado, transposta num esforço documental sinestésico, revela parte da sinfonia desse bioma e travessia.

Concepção e realização:
Mônica Meyer
Sara Lana



Imagens da instalação: “Diário sonoro do sertão”

Araçai

Próxima parada: página 64

Paradas e movimentos: pontos da comida

O que é uma jacuba? Conheça essa bebida consumida por Riobaldo em "Grande Sertão: Veredas". A instalação, fruto da pesquisa da professora Sabrina Sedlmayer com ilustrações de Carmen Diniz, é um convite a descoberta de novos sabores. A dieta dos jagunços em suas andanças pelo sertão e um universo de sabores são encontrados nessa instalação.

Próxima parada: página 104

Texto e Pesquisa: Sabrina Sedlmayer
Design e Ilustrações: Carmen Diniz

JACUBA

PODE SER TANTO UMA BEBIDA, SE ADICIONADA MAIS LÍQUIDO, COMO UM PIRÃO, SE ACRESCENTADA MAIS FARINHA. PRATO FRUGAL, É UMA ESPÉCIE DE MATA-FOME, UTILIZADA COMO QUEBRA DE JEJUM. ÁGUA OU CAFÉ, FARINHA DE MILHO OU DE MANDIOCA SÃO OS INGREDIENTES BÁSICOS. MAS O PREPARO SE ALTERA DE ACORDO COM A CULTURA REGIONAL E A CONTINGÊNCIA. A JACUBA PODE CONTAR TAMBÉM COM A ADIÇÃO DE MELADO, AÇÚCAR OU RAPADURA.



NO MUNDO DOS SABERES ROSEANOS, ACONSELHA-SE COLOCAR ALGUMAS FOLHINHAS DE LARANJEIRA OU FLORES DE LIMEIRA, NA GARAPA BEM QUENTE. EXPERIMENTE ESPREME-LAS BEM, E SÓ DEPOIS, COM A GARAPA BEM QUENTE, ADICIONAR A FARINHA DE MILHO FININHA. OU, CASO PREFIRA, FAÇA COMO RIOBALDO: ACRESCENTE UMA BOA DOSE DE CACHAÇA, PINGADA NO COITÉ, NESSA MISTURA CAPAZ DE ADIAR A FOME E ACALENTAR A ALMA.

Ser Tão imagens

Galeria de imagens do sertão, de autoria de Ronaldo Alves. As paisagens retratadas foram recolhidas nas cidades de Cordisburgo, São Francisco, Serra das Araras, Urucua e Chapada Gaúcha. As fotografias transparecem algo mais que a simples paisagem: momentos sensíveis, ilusões e coincidências dificilmente capturadas, que dão a impressão de haver, ali, alguma coisa além, que escapa ao olhar: sertão.

● Urucua



Fotografias: Ronaldo Alves

Ave, Sertão!

A artista Dilce Laranjeira conta, ao som dos passarinhos, sua história e a história de seu livro, "Ave, Sertão!", no qual retratou mais de oitenta aves distintas que voam em "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa. Bem-te-vi, Suirirí, coruja-orelhuda, Jesus-meu-deus, Passopreto, Pica-pau, Trinca-ferro e muitos outros foram retratados pela artista em pinturas em aquarela.

● Serra das Araras

Aquarelas e Narração: Dilce Laranjeira
Edição: Júlia Lobato

1



2



3



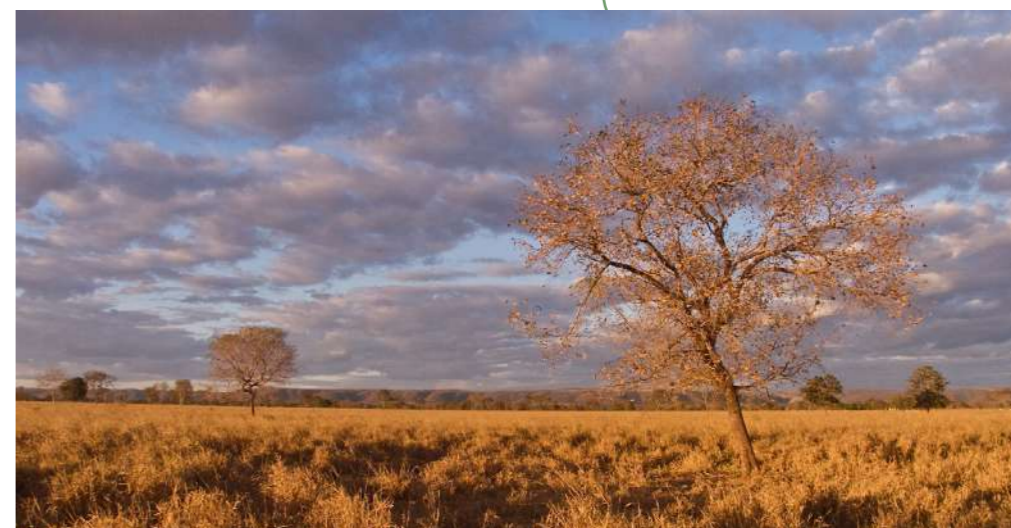
1. Beija-flor
2. Jesus-meu-deus
3. Manuelzinho-da-crôa

Entre a Caatinga e o Cerrado

O artista, músico e documentarista Makely Ka percorreu, de bicicleta, os caminhos de Riobaldo Tatarana, seguindo o mapa literário de “Grande Sertão: Veredas”. A viagem resultou em: álbum musical, show, exposição fotográfica, relatos, entre outros desdobramentos. O vídeo da instalação mostra o depoimento de Makely sobre sua história, seu trajeto e sua experiência de sertão.

● **Brasilândia de Minas**

Músico: Makely Ka
Fotos e mapa: Makely Ka
Filmagem: Kayke Quadros
Captação de som: Ronaldo Gino
Edição: Alvaro Alchaar
Direção Musical e Mixagem: Ronaldo Gino



Imagens do vídeo com Makely Ka

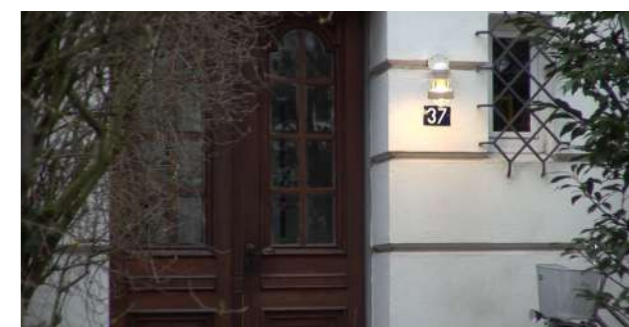
Próxima parada: página 144

SERTÃO MUNDO

Outros sertões: Hamburgo

A instalação é um passeio pelos locais de Hamburgo frequentados pelo escritor João Guimarães Rosa e citados em anotações e diários por ele deixados. O escritor foi cônsul-adjunto e viveu na cidade entre 1938 e 1942.

Direção e Gravação: Adriana Jacobsen
Soraia Vilela
Trilha Sonora: O Grivo
Edição Final : Kayke Quadros



Imagens do vídeo: "Outros Sertões: Hamburgo"

Hamburgo, Alemanha

Próxima parada: página 164

Outros sertões: Munique

A tradução não consiste num trabalho de simples transposição de uma língua à outra, mas implica também um trabalho verdadeiramente poético. Em se tratando da obra de Guimarães Rosa, é evidente a dificuldade de versão para outro idioma. No vídeo da instalação, o tradutor de Rosa para o alemão, Curt Meyer-Clason, que manteve com o escritor uma assídua correspondência por vários anos, relembra suas interlocuções com o autor de “Grande Sertão: Veredas”. O vídeo pertence ao acervo do documentário “Outro Sertão”.

● Munique, Alemanha



Imagens do vídeo com Curt Meyer-Clason

Direção e Gravação: Adriana Jacobsen
Soraia Vilela
Entrevistado: Curt Meyer-Clason
Edição Final: Kayke Quadros

Próxima parada: página 102

Paradas e movimentos: pontos da comida

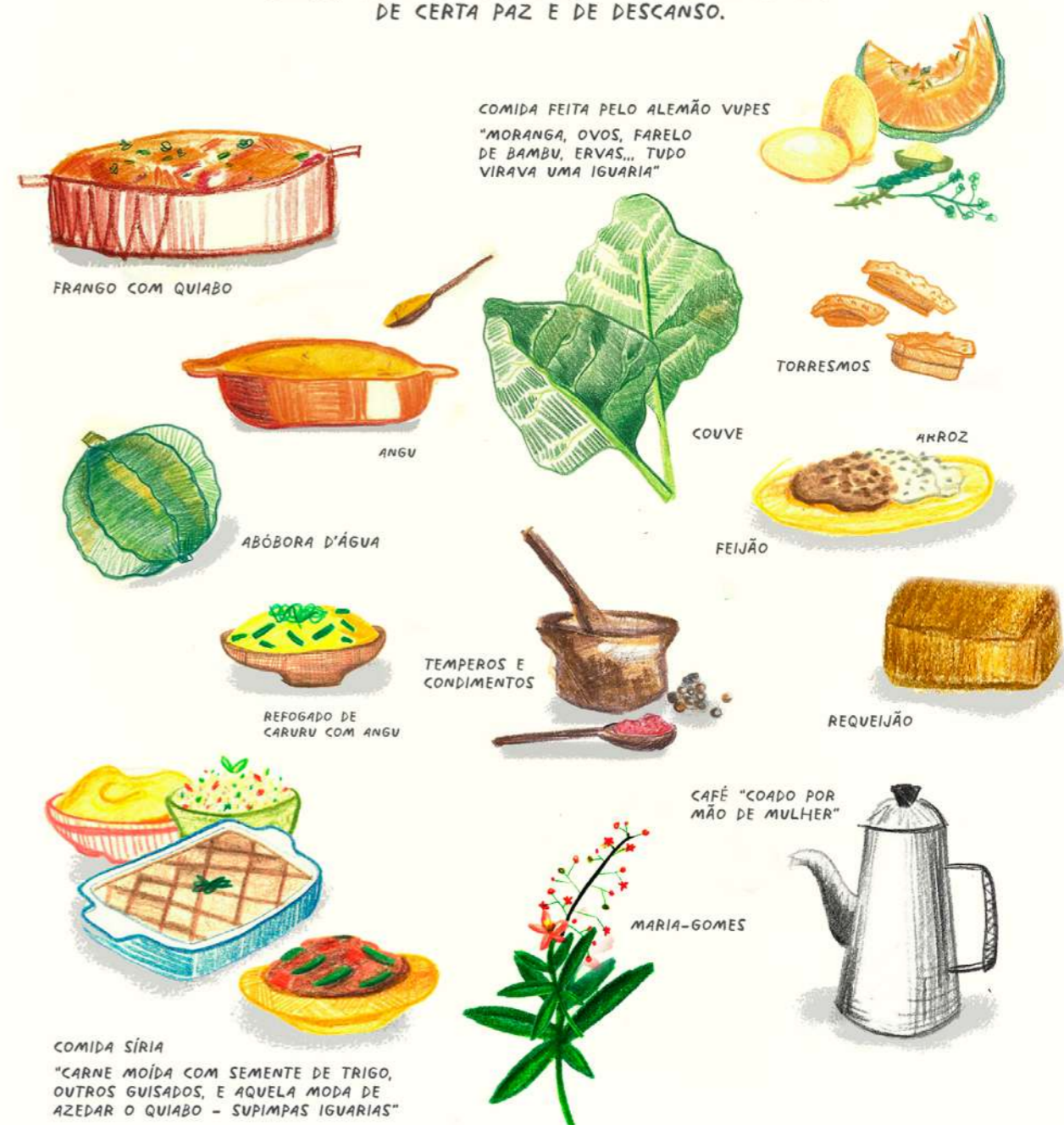
O que comiam os jagunços quando não estavam em errância? Descubra um universo de sabores nas casas de fazenda do Sertão. A instalação, fruto da pesquisa da professora Sabrina Sedlmayer com ilustrações de Carmen Diniz mostra como há um diálogo fecundo entre receitas de território e estrangeiras na obra roseana.

Próxima parada: página 88

Texto e Pesquisa: Sabrina Sedlmayer
Design e Ilustrações: Carmen Diniz

POUSO

A COMIDA SERVIDA NAS CASAS DAS FAZENDAS É MUITO DIVERSA DA POPULAR E SERTANEJA QUE COMIAM QUANDO ESTAVAM EM ERRÂNCIA. MAIS ELABORADA, COM MAIOR TEMPO DE PREPARO, ERA QUENTE, CALDOSA E FARTA. FEIJÃO, FRANGO, MARIA-GOMES (VERDURAS), CARNE DE PORCO, DOCES, TUDO ERA SABOREADO NESSES MOMENTOS DE CERTA PAZ E DE DESCANSO.



Outros sertões: Achern

João Guimarães Rosa era conhecido por não dar entrevistas. Uma das poucas vezes em que cedeu e respondeu a determinadas perguntas foi ao crítico alemão Günter Lorenz, em janeiro de 1965. O vídeo da instalação é um depoimento de Lorenz, gravado 40 anos após a conversa com Rosa, na qual o jornalista relembra momentos dessa marcante entrevista. O vídeo pertence ao acervo do documentário "Outro Sertão".

Direção e Gravação: Adriana Jacobsen
Soraia Vilela
Entrevistado: Günter Lorenz
Edição Final : Kayke Quadros



Imagens do vídeo com Günter Lorenz

● Achern, Alemanha

Próxima parada: página 134

Outros sertões: Perth

Nesta instalação, a australiana Alison Entrekin fala sobre seu processo de tradução de “Grande Sertão: Veredas” para o inglês. Alison é uma das mais prestigiosas tradutoras do português para o inglês, com foco em obras brasileiras e discute, nesse *podcast*, sobre as dificuldades que tem enfrentado e as soluções que tem encontrado para fazer com que o sertão de Guimarães Rosa se mostre, também, em língua inglesa.

Perth, Austrália

“... existe uma tradução, pro inglês, publicada em 1963, com o nome *The devil to pay in the backlands*; foi publicada em Nova Iorque, pela editora Alfred A. Knopf, uma editora bem prestigiada. E essa tradução deixa a desejar, sem dúvida. Eu não gosto de ficar criticando muito os tradutores, porque eu reconheço que estavam trabalhando com condições completamente diferentes. Hoje em dia, eu tenho uma facilidade de comunicação - apesar de não poder consultar o autor, mas - eu tenho uma facilidade de comunicação com diversas pessoas, que podem me ajudar a solucionar dúvidas e tenho toda uma fortuna crítica erguida em torno da obra do Rosa; eu tenho as correspondências todas dele com outros tradutores... é um sem-fim de recursos e facilidades comparado ao que tinham os primeiros dois tradutores: a Harriet de Onís e o James Taylor.

(...) Os desafios que se colocam são todos os desafios que se pode imaginar pra uma tradução, multiplicados por mil. (...) Você começa a resolver uma coisa e esbarra em outra. E é bem difícil de se destrinchar as questões. Uma das questões é que é um texto que já traz pro leitor nativo da língua portuguesa esse desafio de leitura, esse estranhamento, uma espécie de estrangeirização do próprio autor. (...) A gente fala sobre isso bastante na tradução. Questões de domesticação ou estrangeirização. Mas, me parece um texto que já tem uma certa estrangeirização, no texto original. Principalmente, pro leitor que não seja desse mundo do sertão mineiro, que deve ser a grande maioria, que mora em outras partes do Brasil, inclusive nas cidades grandes. Então, tem uma distância do leitor pra esse mundo, esse jeito de falar também.”

Entrevistado: Alison Entrekin
Mediação: Claudia Soares
Luigi Buzzele
Edição: Luigi Buzzele
Thiago Peruch

Próxima parada: página 84

Outros sertões: Berlim

Nesta instalação, Berthold Zilly fala sobre o processo minucioso de análise e transfiguração tradutória que vem desenvolvendo para verter “Grande Sertão: Veredas” ao alemão. Explica sua estratégia a partir de uma discussão da primeira tradução do romance para o alemão, de 1964, e, principalmente, a partir dos princípios poéticos do próprio autor. O desafio consiste em tentar recriar a oralidade, o ritmo, a musicalidade, a originalidade, a ambiguidade da linguagem rosiana na língua-alvo, tendo como baliza o lema do autor: “Tudo pela poesia e por caminhos novos.”

“Por que é importante retraduzir o romance de Guimarães Rosa?”

A sua pergunta alude ao fato de já existir uma primeira tradução de “Grande Sertão: Veredas” pro alemão, publicada em 1964, pelo grande mediador das literaturas ibéricas nos países de língua alemã que foi Curt Meyer-Clason. Foi uma tradução aclamada por todo mundo, pelo próprio Guimarães Rosa, pelos críticos, pelo público em geral.

Por que então fazer uma nova tradução para o alemão? Ora, propor ou fazer uma nova tradução de um mesmo texto para a mesma língua-alvo não necessariamente é sinal de insatisfação com traduções anteriores, pois qualquer tradução é capaz de reconfigurar só parte do potencial de qualidades e significados do original: seus aspectos formais, emocionais, intelectuais, filosóficos, políticos, humanos enfim. Cada época, cada região do globo, cada cultura pode ter seus gostos estéticos ou interesses cognitivos específicos. Além disso, as línguas vão se modificando. Assim, por exemplo, o primeiro tradutor alemão de Guimarães Rosa utilizou o termo *Nigger*, negro, que era corrente nos anos 1950, 60, o que hoje é considerado um termo racista. Ou ele usa *Weiber*, mulheres fêmeas, o que hoje é considerado termo depreciativo demais e que também não combina com a linguagem curada, embora às vezes informal, de Riobaldo.”

Entrevistado: Berthold Zilly
Mediação: Georg Otte
Claudia Soares
Edição: Luigi Buzele
Thiago Peruch

Próxima parada: página 162

Outros sertões: Buenos Aires

Nesta instalação, a professora Florencia Garramuño, da Universidad de San Andrés, na Argentina, e uma das tradutoras da segunda versão em espanhol de “Grande sertão: Veredas” (Gran sertón: veredas, Editorial Adriana Hudalgo, 2009), fala sobre sua experiência com a tradução do romance de Guimarães Rosa.

● Buenos Aires, Argentina

“Antes da tradução que fizemos com Gonzalo Aguilar existia uma tradução muito boa (...) feita por Ángel Crespo, um estudioso e poeta, que foi publicada nos anos 60. Foi a primeira tradução de Rosa para o espanhol, para o castelhano e é uma tradução muito interessante, mas que pega uma ideia da escrita de Rosa como uma escrita, gravemente, situada numa concepção de vanguarda. (...) E a nossa tradução preferiu situar Guimarães Rosa, de alguma forma, entre a vanguarda e o regionalismo. Não por pensar que Rosa tivesse sido um escritor regionalista, mas vemos que na escrita de Guimarães Rosa tem um sentido muito popular da escrita como fala do povo mais do que como uma experimentação mais cerebral, vamos dizer. E é isso o que a nossa tradução tentou reproduzir, de alguma maneira, inventando uma fala que poderia ter sido uma fala do povo sertanejo, se esse povo sertanejo tivesse falado em castelhano.

(...) O grande desafio para um tradutor de Guimarães Rosa ou de qualquer outro escritor, que seja um escritor assim inventa-línguas, é justamente tentar reproduzir na língua final - em nosso caso no espanhol - o mesmo tipo de invenção, o mesmo tipo de dispositivo de criação de palavras e, sobretudo, também fazer com que esse tipo de escrita não soe em espanhol completamente estranho, ou seja, essas palavras, essa forma de escrever, essas sintaxes têm que soar, sim, diferentes às sintaxes tradicionais da língua, mas o leitor tem que perceber o sentido dessa transformação. (...) Então, acho que o desafio máximo é, justamente, encontrar o equilíbrio entre a invenção, entre essa mutação da própria fala e o sentido que o leitor possa compreender, ao mesmo tempo que compreende que essa construção não é a construção típica da língua espanhola.”

Entrevistada: Florencia Garramuño

Edição: Luigi Buzele

Thiago Peruch

Próxima parada: página 98

A fuga

No vídeo da instalação, Dôra Guimarães, uma das coordenadoras do Grupo Miguilim, narra um trecho de “Grande Sertão: Veredas”, romance de Guimarães Rosa. Nesse trecho o personagem Riobaldo sente vontade de ir embora, fugir dos jagunços que vem acompanhando. Mas a fuga não é assim tão fácil e muito acontece, dentro e fora da cabeça de Riobaldo.

Guaicuí



Imagens do vídeo com narração de Dôra Guimarães

Narração: Dôra Guimarães
Câmera e Edição: Rodolfo Goulart
Vitor Martins
Finalização: Kayke Quadros

Próxima parada: página 170

Guararavacã do Guaicuí

O Grupo Miguilim, nome inspirado em um personagem de uma das Novelas do “Corpo de Baile”, é formado por jovens narradores da obra de Guimarães Rosa. No vídeo da instalação, William Eduardo, integrante do grupo, declama um trecho de “Grande Sertão: Veredas”, em que o personagem Riobaldo revela seus sentimentos por Diadorim.

● Várzea da Palma



Narração: William Eduardo Duarte
Câmera e Edição: Rodolfo Goulart
Vitor Martins
Finalização: Kayke Quadros



Imagens do vídeo com narração de William, do Grupo Miguilim

Próxima parada: página 80

Passeio pelo museu

O vídeo da instalação apresenta o Museu Casa Guimarães Rosa, mediado por seu coordenador, Ronaldo Alves. São apresentadas curiosidades sobre os ambientes e as salas do espaço cultural. Além do acervo literário, estão preservados registros da vida do escritor como médico e diplomata, objetos de uso pessoal, vestuário, utensílios domésticos, mobiliário e fragmentos do universo rural presentes em sua literatura.

● Cordisburgo

Câmera e Edição: Rodolfo Goulart
Vitor Martins
Finalização: Kayke Quadros



Imagens do vídeo de apresentação do Museu Casa Guimarães Rosa

Próxima parada: página 68

Outros sertões: Paris

A instalação traz o depoimento do tradutor para o francês de Estas Estórias. Mathieu Dosse, franco-brasileiro fala de sua relação com a obra de João Guimarães Rosa e das inúmeras dificuldades e soluções criativas para a tradução de uma obra tão rica em sua linguagem. Em 2016, a editora Chandeigne publicou sua tradução, "Mon oncle le jaguar et autres histoires". Trata-se de uma conversa interessante pelos detalhes que alguém que estudou o texto roseano traz à tona. Detalhes que, na maioria das vezes, passam despercebidos pelo leitor casual que tem de aprender a ler Rosa, mas não investiga como o texto deve, em uma tradução, ser reconstruído palavra por palavra.

● Paris, França

"Eu descobri Guimarães Rosa quando tinha 21 anos ao primeiro ler "Sagarana" e depois principalmente "Grande Sertão: Veredas" em duas semanas de leitura, absolutamente alucinado. Foi uma experiência extraordinária que me marcou profundamente. É uma obra que, desde então, não deixou de me encantar. Eu diria que me tornei, não um discípulo, porque não se pode ser discípulo de quem se quer - como Caetano Veloso dizia, com razão, a respeito de João Gilberto - mas apóstolo. Eu me tornei apóstolo de Guimarães Rosa desde aquela época. Porque, na verdade, eu sempre sinto esse deslumbramento quando eu abro uma página de Guimarães Rosa ao acaso; eu me surpreendo, me impressiono por sua forma de agenciar as palavras. É, realmente, um escritor único e ninguém escreve como ele. A questão é: como fazer isso em francês?"

Bom, primeiro, eu diria que é um dos raros autores que podemos abordar através da tradução. Testemunhamos a correspondência com seus tradutores que estão, em parte, publicados atualmente; há pouquíssimas entrevistas com Guimarães Rosa para um autor desta importância, elas são pouquíssimo numerosas. Ele concedeu poucas entrevistas. Mas, por outro lado, a correspondência é abundante e aprendemos muito ao lê-la. Entramos, por assim dizer, na fábrica das palavras."

Entrevistado: Mathieu Dosse

Mediação: Claudia Soares e Diomira Ma. C. P. Faria

Finalização: Kayke Quadros

Agradecimento: Lucas Moraes e Yves Mahé - Aliança Francesa

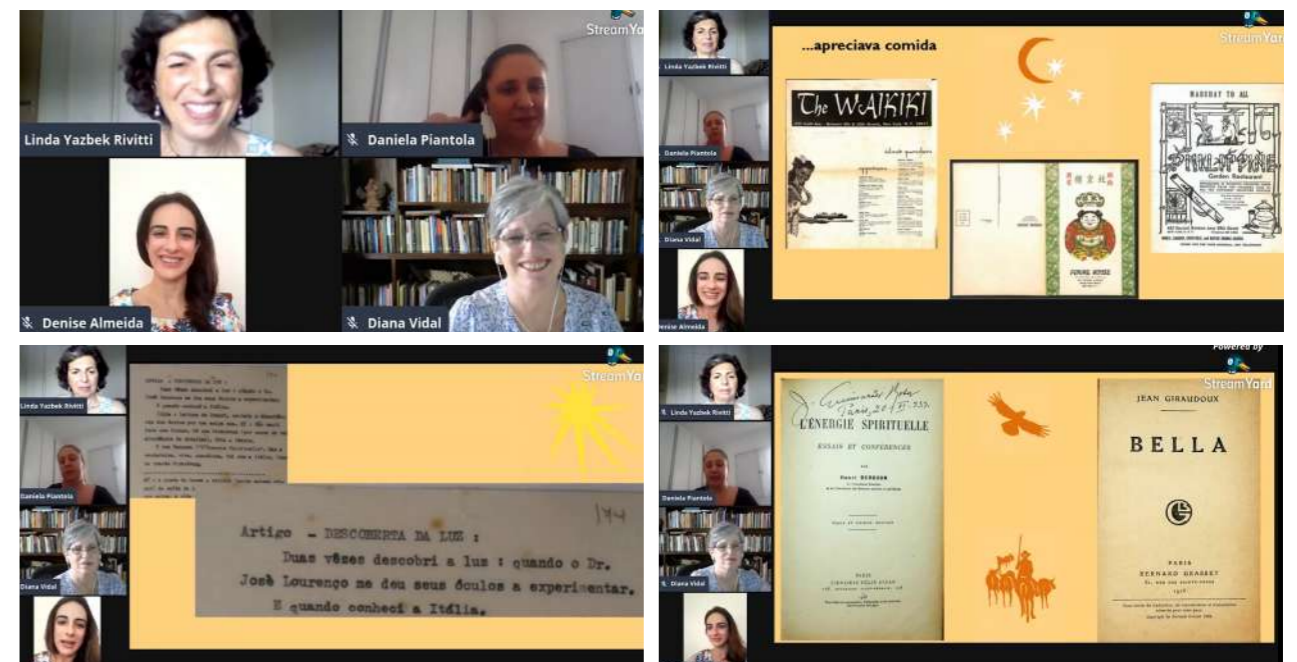
Próxima parada: página 160

Outros sertões: São Paulo

O acervo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) é um dos mais ricos em temas concernentes ao Brasil, com cerca de 250 mil livros e 500 mil documentos, divididos em 38 coleções e 150 conjuntos documentais. Encontram-se lá arquivos pessoais e coleções bibliográficas de diversos escritores, incluindo João Guimarães Rosa. Na instalação, há um passeio por esta seção do IEB, na qual é possível aprender muito sobre a obra do autor mineiro. São apresentados documentos com rascunhos e manuscritos que revelam processos criativos do escritor e os planos não concretizados, mas também a origem de muito do que, hoje, pode ser lido em meio a suas publicações.

● São Paulo

Apresentação: Diana Vidal
Daniela Piantola,
Denise Almeida
Linda Rivitti
Finalização: Kayke Quadros



Imagens do vídeo de apresentação da seção do IEB com arquivos de Guimarães Rosa

Paradas e movimentos: pontos da comida

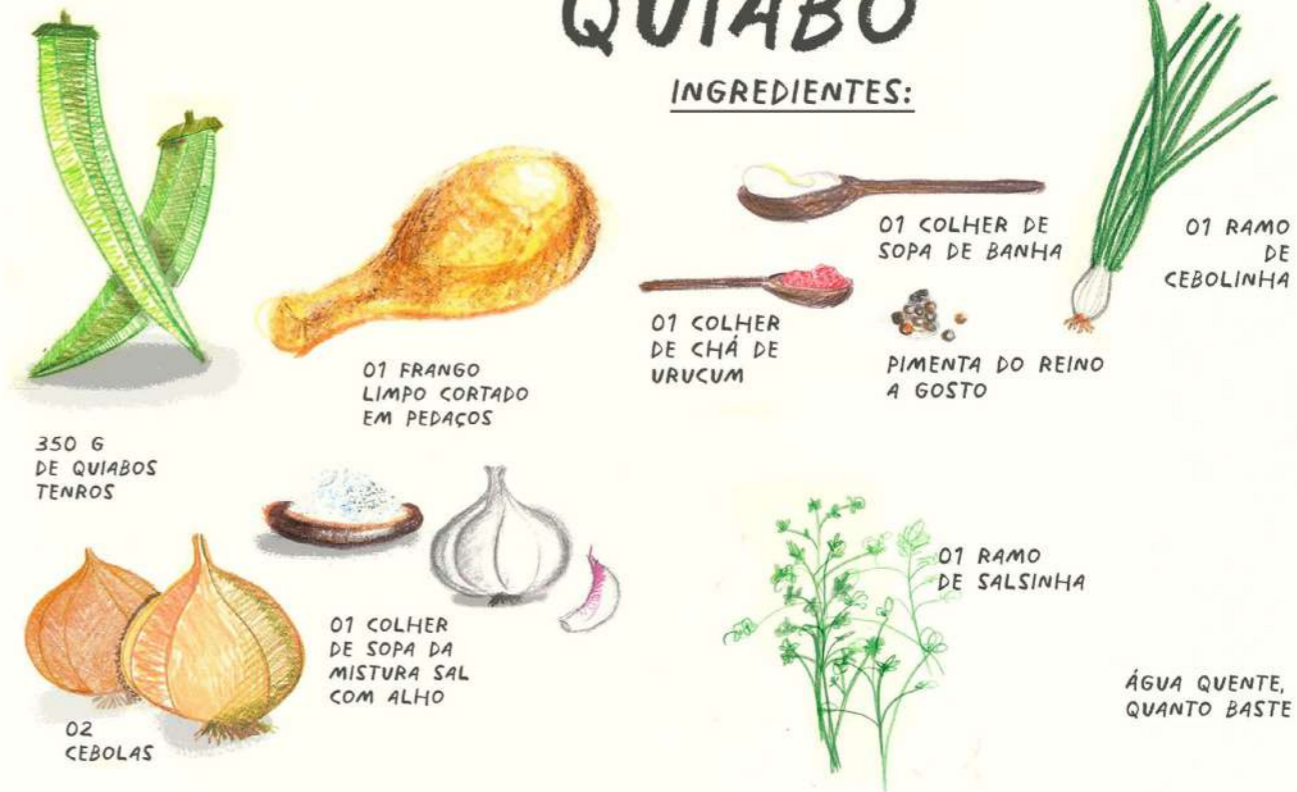
O prato predileto do escritor Guimarães Rosa era o Frango com quiabo. Aprenda, aqui, um modo de preparo. A instalação, fruto da pesquisa da professora Sabrina Sedlmayer com ilustrações de Carmen Diniz é um convite a conhecer mais sobre o léxico roseano.

Próxima parada: página 158

Texto e Pesquisa: Sabrina Sedlmayer
Design e Ilustrações: Carmen Diniz

FRANGO COM QUIABO

INGREDIENTES:



MODO DE PREPARO

DEPOIS DE BEM LIMPO, CORTE O FRANGO EM PEDAÇOS. SEQUE-O E TEMPERE-O COM A MISTURA DE SAL COM ALHO E UM POUCO DE PIMENTA DO REINO. NUMA PANELA LARGA, AQUEÇA A GORDURA E VÁ DOURANDO OS PEDAÇOS DE FRANGO ATÉ ADQUIRIREM UMA COR DOURADA. ACRESCENTE O URUCUM E MEXA BEM.

COM A TÉCNICA MINEIRA DO "PINGA E FRITA" VÁ ADICIONANDO ÁGUA QUENTE, BEM AOS POUCOS, A MEDIDA EM QUE A AVE COZINHA. COLOQUE AS CEBOLAS, A FOLHA DE LOURO, O CHEIRO VERDE E TAMPE A PANELA, PARA QUE O CALDO INCORPORE.

ENQUANTO O FRANGO COZINHA, LAVE E SEQUE OS QUIABOS. SELECIONE SEMPRE OS LEGUMES MAIS NOVINHOS E MACIOS. RETIRE SOMENTE AS EXTREMIDADES, CORTE EM RODELAS GROSSAS E MISTURE-OS AO FRANGO. É IMPORTANTE NÃO MEXER. TAMPE POR ALGUNS MINUTOS E SIRVA O FRANGO COM QUIABO BEM QUENTE, COM ABÓBORA D'ÁGUA E ANGU.



Outros sertões: roda de leitura

Às quartas-feira, entre as 18 e 20 horas, no Instituto de Estudos Brasileiros da USP, um grupo se encontra para a leitura conjunta da obra de Guimarães Rosa. Ler em grupo traz à tona diferenças de leitura, possibilidades de debate, complementos ao texto. O diálogo entre os participantes de um grupo de leitura conjunta é sempre mediado por alguém que não se encontra presente, mas influi em tudo o que é dito: o autor. No vídeo da instalação, é apresentada uma pequena parte do que acontece nesses encontros semanais, onde sempre há troca e a criação constante de Rosa nunca se silencia. O encontro é aberto ao público, sem necessidade de conhecimento prévio do texto ou da obra.

● São Paulo



Imagens do vídeo "Roda de leitura"

Coordenação: Linda Rivitti,
Regina Pereira e Rosa Haruco Tane
Equipe Técnica: Gabriella Radoll,
Paula Felice e Renata Ribeiro
Roteiro, Coordenação e Produção: Gabriella Radoll,
Neli Defensor, Paula Felice, Renata Ribeiro
e Rosa Haruco Tane
Edição: Dingo Silva e Paula Felice
Trilha Sonora: Wagner Dias
Amor Sertão - Élide Marques e Fernando Machado
Esmeralda - Gisele Toledo e Gladir Cabral
Meu Sertão Sulmineiro - Maria Rita
Avenida São João - Jean Garfunkel, Paulo Garfunkel
e Joana Garfunkel
Infinito Miguilim - Wagner Dias
Narrações: Regina Pereira, Neli Defensor,
Fábio Barbosa (Cordisburgo), Linda Rivitti
Hai kais: Rioco Kayano, Susumu Yamaguchi
Citações: João Guimarães Rosa
Bordados: Grupo Teia de Aranha
Imagens, Vídeos, Áudios: Acervo da Oficina de
Leitura João Guimarães Rosa- IEB/USP

REVERBERAÇÕES

Reverberações: formas de pensar-sentir o sertão

Roniere Menezes

No livro “Aula”, Roland Barthes observa que se acontecesse de todas as disciplinas serem expulsas do sistema de ensino, exceto uma, “é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário.”¹ Continua o crítico: “verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso.”²

Ao entrarmos no site da exposição “Sertão Mundo”, em cartaz no Espaço do Conhecimento UFMG, parece que estreitamos amizade com Guimarães Rosa e somos convidados pelo próprio escritor diplomata a seguir

com ele pelo trajeto. Uma famosa fotografia realizada por Eugênio Silva durante a viagem da boiada de 1952 contribui com a ideia: mostra o autor montado em um cavalo, chapéu à cabeça, óculos acomodados, olhando para trás, como se nos dissesse: “Vamos juntos nessa travessia!”

Assim seguimos por um espaço que nos revela estar o sertão em toda a parte: no interior, no litoral, na província, no exterior. Como o homenageado, a exposição recolhe, acolhe, porta e dissemina delicadezas, repertórios, artes, saberes. Uma das vertentes do museu de tudo rosiano intitula-se “Reverberações”. Esse eixo temático disponibiliza 16 instalações que aparecem ao longo do mapa do viajante por meio de nomes de


idades. Uma das instalações relaciona-se a fogueiras e panelas e expande-se em 6 ícones com léxico relativo à presença de comidas e bebidas na literatura rosiana.

As montagens de “Reverberações” trazem relação com a visão, a audição, o olfato, o paladar, o tato. Os sentidos complementam-se contribuindo com as experiências propiciadas pelas trilhas percorridas. A literatura rosiana dialoga com a noção de transdisciplinaridade ao mesclar conhecimento empírico tradicional, repertório popular, oralidade, cânone, ciência e erudição. Assim como a literatura, o sertão define-se como lugar de fronteira permeável, “onde os pastos carecem de fecho”.

Em “Reverberações”, somos tocados por diversas modalidades discursivas e inventivas. Músicos, artistas, professores, pesquisadores, estudantes, artistas populares apresentam trabalhos cuidadosos e sensíveis, aproximando – inclusive pela presença de projetos coletivos – a literatura rosiana da ideia comunidade ou mesmo de constelação. Na exposição, há canções recriadas a partir de “Sagarana” e “O recado do morro” e arrojadas trilhas sonoras. Somos brindados com coleção de links relativos ao universo acadêmico e artístico onde há entrevistas, referências biográficas e bibliográficas, adaptações da obra de Rosa para o cinema, o teatro e trânsitos entre literatura e outras artes.

1 BARTHES, Roland. Aula. São Paulo: Cultrix, 1980.

2 ibidem 1: BARTHES, Roland



O eixo traz vídeos sobre desenhos, aquarelas, gravuras, bordados do sertão, sobre a construção de carta-celeste que permite observar o céu a partir de “A história de Lino e Lina” e, ainda, produção voltada à festa de Manuelzão, à folia de reis, à catira e ao cateretê. Podemos ouvir vários podcasts: comentário sobre depoimento de Graciliano Ramos em relação ao concurso do qual Rosa participou com a primeira versão de “Sagarana”, conversa sobre alimentos utilizados em movimentos e em paradas pelas tropas de jagunços, comunicações relativas à importância da mandioca na alimentação brasileira e a festejos e bailados do sertão. Entramos em contato com o léxico da

comida, com animação sobre o céu interiorano, somos apresentados ao projeto “Caminhos do sertão” e lemos cartas enviadas a Guimarães Rosa. No fundo, toda a exposição pode ser percebida como cartas enviadas tanto ao autor mineiro quanto a leitores do presente e do futuro.

Com “Sertão Mundo”, a obra rosiana transforma-se em máquina de apuro da percepção, da sensação, da reflexão. Livro aberto, literatura expandida, a mostra desvela finas nuances, singulares ressonâncias. Fulgurações são despertadas conforme os movimentos realizados pelos espaços, segundo os modos de se aproximar os links. As peças vinculadas ao eixo “Reverberações”

são embaladas pelo deslumbre da natureza e pelos ritmos da cultura popular, em íntimo diálogo com a imaginação e o apuro da linguagem. A literatura guarda em si, para doar àqueles que se aventuram por suas paragens, ciência, saber, sabor, invenção, possibilidades de ampliação de perspectivas sobre os redemoinhos do sertão e sobre as voltas do mundo. Boa viagem!

Cantigas de Sagarana

Celso Adolfo compôs um disco inteiro inspirado por Rosa e sua coletânea de contos “Sagarana”. Nesta instalação, pode-se ouvir uma de suas composições, Remanso do Rio Largo, que dá nome ao álbum e remete à cidade de origem do próprio compositor. O compositor se aproveita das referências da obra roseana para remeter à própria história, mas também à história de uma região, suas paisagens, seus sons e principalmente seus personagens, que permeiam ambas as obras que se entrecruzam.

● Sagarana

Músico: Celso Adolfo
Filmagem: Kayke Quadros
Captação de som: Ronaldo Gino
Edição: Yasmin Chaves
Direção Musical e Mixagem: Ronaldo Gino



Imagens do vídeo com músicas de Celso Adolfo

Próxima parada: página 72

Musicando Rosa

O compositor Celso Adolfo compôs um disco a partir da obra de Guimarães Rosa: com o título inspirado por sua origem e ao mesmo tempo retirado de “Grande Sertão: Veredas”. Remanso do Rio Largo é um disco composto dos personagens de Rosa e dos personagens que o próprio Celso conheceu em sua cidade. Nesta instalação, ouve-se o depoimento do músico sobre a composição de seu trabalho e suas relações com a obra roseana, além de certas coincidências que parecem unir ambos os artistas.

● Sagarana

Músico: Celso Adolfo
Filmagem: Kayke Quadros
Captação de som: Ronaldo Gino
Edição: Yasmin Chaves
Direção Musical e Mixagem: Ronaldo Gino



Imagens do vídeo com músicas de Celso Adolfo

Próxima parada: página 112

Recado da canção

Esta instalação conta com um vídeo do músico, artista e documentarista Makely Ka, tocando uma de suas músicas, compostas como parte do projeto “Cavalo-motor”. O projeto consistiu em uma viagem pelo noroeste mineiro, seguindo a rota de Riobaldo Tatarana, protagonista do grande romance de Rosa, “Grande Sertão: Veredas”.



Imagem do vídeo com Makely Ka

Músico: Makely Ka
Fotos e mapa: Makely Ka
Filmagem: Kayke Quadros
Captação de som: Ronaldo Gino
Edição: Alvaro Alchaar
Direção Musical e Mixagem: Ronaldo Gino

Rosa na rede

A instalação “Rosa na rede” reúne uma seleção de *hiperlinks* relacionados ao universo de Guimarães Rosa: adaptações para o cinema, para o teatro, entrevistas e outras curiosidades, alcançando múltiplos sertões.

● Montes Claros

Concepção: Claudia Soares e João Spagnollo



Imagem da instalação “Rosa na rede”

Próxima parada: página 122

O Manto do vaqueiro

● Cordisburgo

O “Manto do Vaqueiro” é o resultado da participação de mais de 200 pessoas, em resgate de uma memória local integrada à literatura de Guimarães Rosa. O Manto reúne bordados, desenhos do artista plástico J. Murilo e muitas histórias de vida. A curadora, Beth Ziani, conta neste vídeo como foi o processo de criação da obra, que hoje se encontra no Museu Casa Guimarães Rosa, em Cordisburgo.

Narração: Beth Ziani
Edição: Núcleo de Audiovisual do Espaço
do Conhecimento UFMG



Imagens do vídeo sobre o “Manto do vaqueiro”

Próxima parada: página 116

Grande Sertão em gravuras

A série de imagens do “Grande Sertão” de Arlindo Daibert é o resultado de um minucioso estudo do artista mineiro, desenvolvido durante uma década. Dessa pesquisa, Arlindo criou setenta e uma imagens complexas, inspiradas na obra de Guimarães Rosa. Na instalação, o professor André Mendes destrincha o jogo de espelhos dessas gravuras e mostra como, além da reflexão, também produzem sentidos inesperados.

● Belo Horizonte



Imagens do vídeo com gravuras de Arlindo Daibert

Texto e narração: André Mendes
Imagens e edição: Kayke Quadros

Paradas e movimentos: pontos da comida

A dieta dos jagunços em suas andanças pelo sertão e um universo de sabores são encontrados nessa instalação, fruto da pesquisa da professora Sabrina Sedlmayer com ilustrações de Carmen Diniz.

Próxima parada: página 74

Texto e Pesquisa: Sabrina Sedlmayer
Design e Ilustrações: Carmen Diniz

MOVIMENTO

DIETA DOS JAGUNÇOS, FRUGAL, INFLUENCIADA PELOS HÁBITOS CULINÁRIOS POPULARES DO INTERIOR DO BRASIL.

DE PREPARO FÁCIL, MUITAS VEZES OS PERSONAGENS ROSEANOS CONTAVAM SOMENTE COM OS ESCASSOS INGREDIENTES QUE LEVAVAM NA MATULA, OU AQUELES ENCONTRADOS NO MEIO DA NATUREZA POR ONDE PERAMBULAVAM.



Bastidores de um concurso

● Rio de Janeiro

Na instalação em formato de *podcast*, a professora da Faculdade de Letras da UFMG e também uma das curadoras da exposição, Claudia Soares, fala sobre três crônicas de Graciliano Ramos que tratam de um concurso literário do qual ele participou como jurado em 1938. Esse concurso teve, entre seus participantes, o conjunto de contos de Guimarães Rosa que viria a ser, oito anos depois, o seu livro de estreia, "Sagarana". Nessas crônicas, Graciliano tece elogios e críticas ao protótipo roseano. Claudia revela os bastidores do concurso e da recepção de Rosa ainda enquanto pseudônimo, considerado um autor riquíssimo mesmo antes de ser consagrado como um dos maiores romancistas do século XX.

"Em 1938, Graciliano Ramos participou como jurado do prêmio Humberto de Campos, concurso literário promovido pela editora José Olympio. (...) Guimarães Rosa, então um escritor iniciante, era um dos candidatos ao prêmio. Até aquele momento, a carreira do escritor contava apenas com a publicação de alguns contos, nos anos de 1929 e 1930, três deles na revista "O Cruzeiro" e um quarto no suplemento dos domingos de "O Jornal". (...) No concurso (...), Rosa, sob o pseudônimo de *viator* (que significa "viajante" em latim), concorreu com o livro de contos intitulado, justamente, "Contos", primeira versão do que seria mais tarde "Sagarana". Graciliano Ramos escreveu pelo menos três crônicas sobre o concurso e seus desdobramentos. (...) Em tod[a]s el[a]s, Graciliano manifesta a mesma opinião sobre ser jurado de concursos literários. Reconhece que o convite para tal é (e as expressões seguintes são de Graciliano Ramos) "prova de consideração e respeito etc.", mas afirma também que considera "uma chatice, uma massada horrível, esse tipo de atividade". Pois há sempre muita coisa que ler, e a maioria do material examinado não tem nenhum interesse. Não pôde, entretanto, "se recusar ao sorriso amável e assassino do negociante de papel impresso", que é como se refere ao editor José Olympio com o humor mordaz que lhe é peculiar. Graciliano relata que a certa altura do trabalho (...) deparou-se com (...) "um cartapácio de quinhentas páginas grandes, uma dúzia de contos enormes, assinados por um certo viator, que ninguém presumia quem fosse. (...) Aquele era trabalho sério em demasia..."

Texto e Narração: Claudia Soares

Edição: Thiago Peruch

Uma madrugada de primavera no sertão

Esta instalação foi inspirada no conto “A história de Lélío e Lina”, presente em “Corpo de Baile”, de Guimarães Rosa. Trata-se de uma animação, que possibilita ver o céu descrito em um trecho do conto, em um final de madrugada de primavera. São desveladas estrelas, aglomerados, constelações e suas curiosidades astronômicas.

Óreon (Capitão Enéas)

Concepção: Cláudia Campos Soares
Carlos Eduardo Porto Villani
Roteiro: Carlos Eduardo Porto Villani
Diógenes Martins Pires
Nathalia Nazareth Junqueira Fonseca
Programação e Gravação do Stellarium:
Nathalia Nazareth Junqueira Fonseca
Narração: Priscila Martins
Ilustração e edição: Júlia Lobato
Direção Musical e Mixagem: Ronaldo Gino

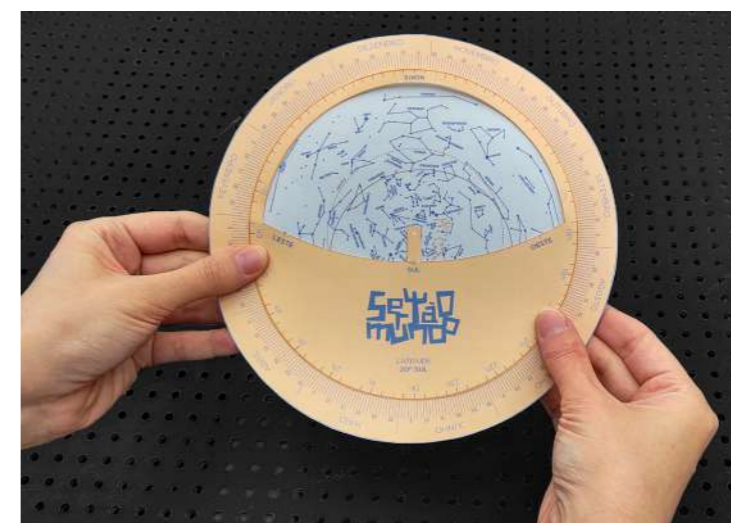
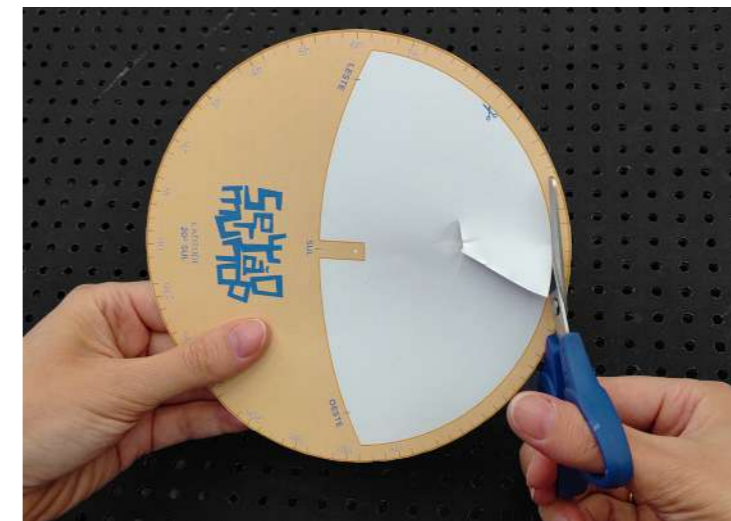


Imagens do vídeo: “Uma madrugada de primavera no sertão”

Próxima parada: página 118

Como montar e usar o planisfério

O céu desempenha um papel importante na obra de Guimarães Rosa, às vezes descrito minuciosamente. No vídeo da instalação, é possível aprender a montar e usar um planisfério, identificando as principais constelações e estrelas visíveis no céu noturno de Belo Horizonte e outras cidades mineiras, em qualquer dia e horário.



Imagens do vídeo: "Como montar e usar o planisfério"

● Óreon (Capitão Enéas)

Mediador: Diógenes Pires
Filmagem e captação de som: Kayke Quadros
Direção Musical e Mixagem: Ronaldo Gino

Cartas para João

“Cartas a Guimarães Rosa” foi um projeto que contou com a participação de diversos entusiastas da obra roseana, que dedicaram algumas palavras ao escritor, no formato de cartas endereçadas à sua antiga residência, em Cordisburgo. Nesta instalação, em formato de podcast, Tânia Maria de Almeida Alves, uma das idealizadoras do projeto e Fábio Barbosa, narrador de Cordisburgo leem alguns trechos dessas cartas e a psicanalista Milene de Mello pontua algumas interfaces entre a literatura e a medicina. “Escrever é, também, a cura do mundo.”

● Sete Lagoas

“O escritor cura a si mesmo. Muitas vezes, o montante de vivências é muito grande e intenso, dificultando a elaboração e o processamento. Escrever, liberando tudo ao papel, funciona como uma catarse. a escrita chega a ganhar vida própria, se expulsando do escritor que se torna um mero veículo. a cura para o escritor, mesmo que completamente onírica e delirante.

Escrever é, também, a cura do mundo. É necessário que alguém ocupe o lugar de observação, de crítico e porta-voz. O escritor registra, de forma literal ou não, a sua época. Testemunha e comenta os dramas, conflitos e vícios do seu tempo. Sua voz, ainda que isolada, eterniza o momento. Quando sua voz representa a maioria, conduz e amplia as discussões resolvendo problemas, conciliando as diferenças e favorecendo o progresso.”

Desenho de áudio: Lucas Ferrari Rabelo

Vozes: Fábio Barbosa, Milene de Mello, Tânia Maria de Almeida Alves

Autore(a)s dos textos: Daiane Cairns Souza Martins, Daliena Freitas Borges, Marcílio da Silva

Tomaz, Maria Cristina Franco, Maria Elisa Almeida,

Maria Izabel Pereira Diniz, Milene de Melo, Roberto Carlos Rodrigues,

Sérgio Garcia, Simone Meyer Rosa, Uiara Sabrina Miranda

“Desatino de contravoltas”: Festa de Manuelzão

Festejos e bailados populares existem por toda parte, principalmente nas zonas rurais do Brasil, onde essas manifestações orgânicas se desenvolvem, a partir da vivência local, considerando as tradições culturais, as vivências da população, as crenças, a comida e as histórias contadas. São muitas formas de cantar e de se vestir; são celebrações variadas, coloridas, dançantes e teatrais. No vídeo da instalação, o visitante é convidado a festejar com um pouco de literatura: a Festa de Manuelzão.

Roteiro: Joelma Xavier
Edição: Núcleo de Audiovisual do
Espaço do Conhecimento UFMG
Imagens: Grupo Sarandeiros



Imagens do vídeo: “Desatino de contravoltas: Festa de Manuelzão”

● Andrequicé

Próxima parada: página 114

Rebuliços alegrativos: sobre festejos e bailados no sertão

● Pedra de Santana
(Várzea da Palma)

No *podcast* da instalação, o radialista Pedro Henrique Vieira, a professora Joelma Xavier e os professores Gustavo Côrtes e Rogério Lopes conversam sobre a literatura de Guimarães Rosa, as Folias de Reis, o Grupo Sarandeiros e sobre diferentes dinâmicas culturais, celebrativas e teatrais de diversos espaços e tempos, todos encapsulados, em alguma proporção, pela literatura de Rosa.

Pedro:

“(...) Joelma, fale um pouco pra gente sobre a ideia de dança na obra roseana: como é que ela está representada?”

Joelma:

“Bom, primeiramente, há toda uma perspectiva de multiplicidade, como é, de maneira geral na obra de Rosa. Pensar a dança, nesse universo, já começa com um primeiro desafio até mesmo em termos das escolhas vocabulares com as quais o Rosa trabalha, a grafia da palavra “dansa” por exemplo, é com “S”, e seus derivativos: dansação, dansador... E isso já vem de uma escolha, de uma composição estética, mas que já traz, nessa representação gráfica, o gesto do movimento. Uma perspectiva de movimento dançado que já nos convida a pensar o porquê desse registro ou, no mínimo, a interagir com essas possibilidades, também, do movimento na palavra. E esse já nos traz também para o convite do traço escritural do Rosa, que é uma escrita movente, que é uma escrita de muitos movimentos, de transformações, de travessias... se assim pensarmos também nas múltiplas transições e na mobilidade das personagens, seja na travessia dos vaqueiros, seja nos confrontos, e também nas muitas travessias dos jagunços. Nos trânsitos nas comunidades rurais, que fazem parte de todo esse universo; nessas conversas entre a infância e a velhice. Acho que a gente pode pensar na travessia, na questão do destino, nas sinas de personagens. E aí o espaço movente é outro convite a perceber a ideia de movimento da dança, como um todo.”

Mediação: Pedro Henrique Vieira
Participação: Gustavo Côrtes,
Joelma Xavier
Rogério Lopes
Edição: Pedro Henrique Vieira

Paradas e movimentos: pontos da comida

“Pinga e frita” é uma técnica de cozinha mineira, com longa tradição na história da culinária brasileira. Descubra como se faz e por que, para Riobaldo, “café coado por mão de mulher”, é a melhor receita da bebida. A instalação, fruto da pesquisa da professora Sabrina Sedlmayer com ilustrações de Carmen Diniz é um convite à aprendizagem sobre sabores do sertão.

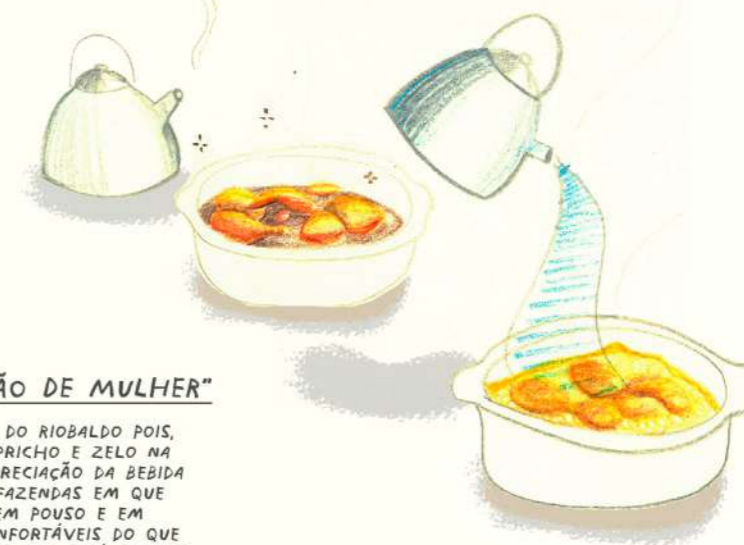
Próxima parada: página 70

Texto e Pesquisa: Sabrina Sedlmayer
Design e Ilustrações: Carmen Diniz

TÉCNICAS

PINGA E FRITA

TRATA-SE DE UMA TÉCNICA MINEIRA/CAIPIRA QUE CONSISTE BASICAMENTE EM DEIXAR A CARNE COZINHAR SEM IMERSÃO, APENAS ADICIONANDO, BEM AOS POUQUINHOS, ÁGUA QUENTE. RECOMENDA-SE, ASSIM, QUE NO PRATO PREDILETO DE GUIMARÃES ROSA, TENHA NO FOGÃO UMA CHALEIRA COM ÁGUA EM TEMPERATURA ALTA. PACIENTEMENTE, SEMPRE À ESPERA DE QUE O CALDO SEQUE, ADICIONE A ÁGUA E MEXA, PARA QUE O FUNDO DA PANELA SE SOLTE. COM A PARTICIPAÇÃO DA CEBOLA, O CALDO FICA MAIS GROSSO E MUITO MAIS SABOROSO.



CAFÉ "COADO POR MÃO DE MULHER"

TRATAVA-SE DO PREDILETO DO RIOBALDO POIS, PARA ELE, SIGNIFICAVA CAPRICHOS E ZELOS NA FEITURA. O PREPARO E A APRECIÇÃO DA BEBIDA OCORRIA NAS SEDES DAS FAZENDAS EM QUE PERNOITAVA, OU SEJA, EM POUSO E EM CONDIÇÕES MUITO MAIS CONFORTÁVEIS DO QUE OS DAS VIAGENS. O ENCONTRO DO CAFÉ QUENTE COM REQUEIJÃO ACONTECIA NESSES RAROS MOMENTOS.



Dos saberes alimentares do sertão de Rosa

● SantaLuzia

Sabrina Sedlmayer, professora na Faculdade de Letras da UFMG, nos conta no Podcast como o assunto da comida é relevante na literatura de Guimarães Rosa. A ensaísta recupera a dieta do sertão e descreve um rico repertório de sabores e saberes que demonstram a diversidade e a singularidade dos usos dos alimentos no mundo roseano. Com a potente intervenção sonora de O Grivo, o podcast nos sensibiliza sobre a luta pela sobrevivência empreendida pelos jagunços que muitas vezes se alimentavam de forma precária, como quando estavam em movimento ou próximos de uma luta, ou de forma farta e prazerosa, como quando eram hóspedes em fazendas, em repouso.

“Há duas formas de alimentação, em quase tudo diferentes, em Grande Sertão: veredas. Uma, relacionada ao movimento; outra, ao pouso. A comida das longas viagens de jagunços é parca, moderada, comedida. Come-se o que se tem. Seja no farnel, que se leva colado ao corpo, e ao cavalo, ou no acampamento, de um jeito improvisado, na companhia dos outros parceiros de jornada; em trânsito, no meio de um percurso inacabado. O bando também usa o fogo, que modifica os recursos disponíveis na natureza, através da mariquita (ou da trempe), um fogãozinho de campanha. E conseguem produzir pratos ligeiros. Em alguns momentos, quando não há sinal de embate, luta, tocaia, até assa-se uma carne no espeto, que pode ser de uma caça. Farinha de mandioca e rapadura nunca faltam. Já pequi, palmito, couve, abóbora, moranga cozida, torresmos, feijão, arroz, peixe (dourado ou curimatã) são verdadeiras iguarias, pois eram consumidos em raras ocasiões.

Mas quais seriam os ingredientes que faziam parte dessas longas travessias? Quais eram os hábitos e os gostos desses homens e mulheres que tinham que se alimentar para sobreviver?”

Texto e Narração: Sabrina Sedlmayer
Trilha Sonora: O Grivo
Edição: Julia Lobato

Próxima parada: página 136

Saberes e sabores do sertão

● Paracatu

No áudio da instalação, o professor de história Rubens Panegassi descreve os principais alimentos registrados pelos cronistas do Brasil colonial, com destaque à região que, hoje, conhecemos como sertão mineiro. Entre esses, um dos alimentos mais importantes foi a mandioca (principal fonte de sustento da América portuguesa), e outro, o caju. Tradições e saberes acompanham a formação cultural do Brasil, e os hábitos alimentares são parte fundamental disso, determinando muitos aspectos da cultura popular que, ainda, podemos perceber hoje em dia.

“A história da província de Santa Cruz foi escrita por Pero de Magalhães de Gândavo, por volta de 1570. Conta no livro a respeito dos antigos moradores da América portuguesa, descreve suas roças de mantimentos, e o comércio da muita farinha de pau que existia na época. O cronista escreve também a respeito das técnicas para elaboração da farinha que era utilizada em substituição da de trigo: técnicas locais que os colonizadores aprendiam com os povos originários da América para a fabricação da farinha de pau, invariavelmente denominada pelas crônicas do período como verdadeiro “pão da terra”, nome dado à farinha de pau e a raiz da mandioca que estava na base de sua produção.

(...) A mandioca foi o principal alimento da América portuguesa. Em especial a mandioca brava, cujo caldo venenoso precisava ser extraído por conter ácido cianídrico. As crônicas oferecem inúmeras descrições das técnicas nativas para a extração de seu veneno. Primeiramente as raízes deveriam ser lavadas com água, para em seguida serem espremidas no tipiti para a extração de sua polpa, que depois de seca constituía a farinha de mandioca. Este processo de transformação de uma planta venenosa em alimento revela a articulação entre dois mundos aparentemente tão antagônicos, como a ciência e o conhecimento empírico tradicional: recurso típico da experiência popular e tão presente na obra de Guimarães Rosa.”

Texto e Narração: Rubens Panegassi
Edição: Thiago Peruch

Próxima parada: página 128

Exposição Sertão Mundo

Ficha Técnica

Realização

Universidade Federal de Minas Gerais
Instituto Unimed-BH

Apoio

Aliança Francesa
Instituto de Estudos Brasileiros da USP
Pró-Reitoria de Extensão da UFMG
Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais - Museu Casa Guimarães Rosa Prefeitura Municipal de Belo Horizonte - Secretaria Municipal de Cultura e Fundação Municipal de Cultura

Universidade Federal de Minas Gerais

Reitoria

Sandra Regina Goulart Almeida - Reitora
Alessandro Fernandes Moreira - Vice-reitor

Diretoria de Ação Cultural

Fernando Antonio Mencarelli
Mônica Medeiros Ribeiro

Diretoria do Espaço do Conhecimento UFMG

Diomira Ma. C. P. Faria
Sibelle Cornélio Diniz

Curadoria

Claudia Campos Soares
Dânia Santos Lima
Diomira Ma. C. P. Faria
Maurício Silva Gino

Assistentes de Curadoria

Sergio Donizete Faria
Marlette Menezes
Rosilane Ribeiro da Mota

Expografia

Junia Ferrari
Dânia Santos Lima
Lila Gaudêncio
Mariana Jorge
Marília Pimenta
Michelle Corrêa
Patrícia Pelizari

Identidade Visual

Marlette Menezes
Ana Naemi
Olganelise Möller
Letícia Mara
Ana Luísa Tasca
José Barbosa

Design e Comunicação

Camila Mantovani
Clara Braga
Ana Naemi
Olganelise Möller
Gabriela Sorice
Bárbara Tostes
Júlia Villanova
Nicolle Salgado
Luigi Buzele
Thiago Peruch

Audiovisual

Maurício Silva Gino
Kayke Quadros
Júlia Lobato Maciel
Yasmin Chaves Carvalho
Álvaro Henrique Guerra Alchaar

Ações Educativas, Acessibilidade e Estudos de Público

Sibelle Cornélio Diniz
Wellington Luiz Silva
Jonathan Philippe Fernandes Barboza
Priscila Gabriele Martins Silva
Abraão Veloso Machado
Evelyn Cristine dos Santos Álvares

Astronomia

Carlos Eduardo Porto Villani
Nathalia Nazareth Junqueira Fonseca
Diógenes Martins Pires
Samantha Jully Mesquita Gonçalves
Aline Ribeiro Sampaio

Produção

Fabiane Silva
Laura Freitas

Secretaria

Ida Gracia Rossi
Elisa Maria Teixeira Silveira

Administrativo

Josilane Alves
Fabrício Frederico Goulart

Site da exposição

Ilustrações (mapa): Patrícia Perez
Ilustrações (caderneta): Lila Gaudêncio Patrícia Pelizari
Concepção e desenvolvimento da Exposição Virtual: Sense8 Digital

Trilha sonora do site

Trilha Sonora: Bruno Medeiros
Direção Musical e Mixagem: Ronaldo Gino
Produtora de Som: La Table

Colaboração

Projeto de Extensão Cartografia Roseana: Guimarães Rosa sob a perspectiva da preservação, salvaguarda cultural e inclusão produtiva

Revisão de Textos

KMA Soluções Gráficas Ltda.

Agradecimento

À viúva de João Guimarães Rosa, Aracy de Carvalho Guimarães Rosa, à NONADA e à TESS ADVOGADOS e aos consultores: Alison Entekin, Almir Paraka, Anna Júlia - Miguilim, Ana Luiza Martins, Ana Maria Werneck, Augusto Gomes Milagres, Brasinha - Loja "Aqui Já é Sertão", Elisa Maria Amorim Vieira, Elizabeth Ziani, Emília Mendes, Eneida Maria de Souza, Fátima Coelho Castro, Georg Otte, Gustavo Côrtes, Lísia Maria, Maria Elisa Pereira de Almeida, Milce Aparecida Vieira de Sousa e Freitas, Rogério Lopes, Ronaldo Oliveira, Rosilane Ribeiro da Mota, Tereza Virgínia Ribeiro

Portal Sonoro

Concepção: Diomira Ma. C. P. Faria

Junia Ferrari

Maurício Gino

Edição de Áudio: Lucas Ferrari

Desenvolvimento: Sense8 Digital

Vozes: Abraão Veloso Machado, Anamar de Aguiar, Anna Palma, Camila Mantovani, Claudia Soares, Dânia Santos Lima, Diomira Ma. C. P. Faria, Ema Patrícia, Evelyn Álvares, Fátima Queiroz, Flávia Miranda, Henrique Rodrigues, Jean Barbosa, Jonathan Barboza, José Roberto Cabral, Juliana Cavalli, Junia Ferrari, Kaio Carmona, Larissa Cristina, Leonardo Luiz Calado, Lila Gaudêncio, Luigi Buzele, Marcia Signorini, Marlette Menezes, Matheus Fernandes, Nadja Cristiane, Nathalia Fonseca, Piers Armstrong, Priscila Martins, Raphael Barros, Sara Deolinda, Sibelle Cornélio Diniz, Soraya Saraiva, Tamires Silveira, Thiago Allis, Wellington Luiz Silva

Instalações das páginas 62, 64, 66, 72, 74, 82, 84, 86, 88, 104, 166, 154, 152, 128

Trilha Sonora: Bruno Medeiros

Direção Musical e Mixagem: Ronaldo Gino

Produtora de Som: La Table

Adesivos virtuais da exposição:

Creative Commons:

instalações das páginas 174, 172, 130, 122, 120, 118, 116, 112, 110

Dilce Laranjeira:

instalação da página 170

Lila Galdêncio:

instalações das páginas 66, 74, 82, 84, 86, 88, 90, 102, 160, 158, 146

Marlete Menezes:

instalação da página 154

Olganesile Moler:

instalações das páginas 96, 150, 166, 124

Patrícia Pelizari:

instalações das páginas 62, 64

Ronaldo Alves:

instalações das páginas 72, 100, 168, 166, 152, 148, 128

Catálogo da exposição Sertão Mundo

Organização e projeto editorial

Claudia Campos Soares

Dânia Santos Lima

Diomira Ma. C. P. Faria

Júnia Ferrari

Maurício Silva Gino

Revisão de textos

Equipe Trindade Monografias & Edições

João Pedro Spagnollo

Projeto gráfico e diagramação

Dânia Lima

Lila Galdêncio

Marlete Menezes

Patrícia Pelizari

Imagens

Todas as imagens e prints foram cedidas e autorizadas pelos autores e referenciados nas fichas técnicas de cada instalação

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Exposição Sertão Mundo [livro eletrônico] /
[organização] Claudia Campos Soares ...
[et al.]. -- Belo Horizonte : Espaço do
Conhecimento UFMG, 2021.
PDF

Outros organizadores: Dânia Santos Lima, Diomira
Ma. C. P. Faria, Júnia Ferrari, Maurício Silva Gino
ISBN 978-65-992762-6-2

1. Artes visuais - Exposições 2. Cartografia -
História - Exposições 3. Exposições - Catálogos
4. Instalações (Arte) 5. Rosa, Guimarães, 1908-1967
6. Sertão 7. Sertão - Minas Gerais (Estado)
I. Soares, Claudia Campos. II. Lima, Dânia Santos.
III. Faria, Diomira Ma. C. P. IV. Ferrari, Júnia.
V. Gino, Maurício Silva.

22-107052

CDD-709.98151

Índices para catálogo sistemático:

1. Sertão Mundo : Exposições : Artes 709.98151

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



patrocínio



Patrocínio viabilizado pelo incentivo de pessoas físicas

parceria



CULTURA



PREFEITURA
BELO HORIZONTE
GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA

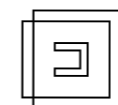


CULTURA E
TURISMO



GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.

realização



Espaço do
Conhecimento
UFMG



CULTURA E
TURISMO



GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

